

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL

INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES
AGRESSIVAS: SUPORTE À ESCOLA E À FAMÍLIA EM
AMBIENTE NATURAL

Gabriela Isabel Reyes Ormeño

Orientadora: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

UFSCar- São Carlos

Março de 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ESPECIAL

INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES
AGRESSIVAS: SUPORTE À ESCOLA E À FAMÍLIA EM
AMBIENTE NATURAL

Gabriela Isabel Reyes Ormeño *

Orientadora: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação
em Educação Especial do Centro de Educação e
Ciências Humanas da Universidade Federal de São
Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do
título de Mestre em Educação Especial

* Bolsista Capes

São Carlos de 2004

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

O73ic

Ormeño, Gabriela Isabel Reyes.

Intervenção com crianças pré-escolares agressivas:
suporte à escola e à família em ambiente natural / Gabriela
Isabel Reyes Ormeño. -- São Carlos : UFSCar, 2004.
88 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2004.

1. Agressividade infantil. 2. Intervenção. 3. Escola. 4.
Família. I. Título.

CDD: 371.93 (20ª)

AGRADECIMIENTOS

Agradesco a Dios por nunca me dejar sola, y por darme una familia y unos amigos maravillosos

A Lúcia por TODO.

A Capes por el apoyo academico,

A Avelino, Elza, Sueli e Mariana, por toda a colaboracion y gentiliza

Para Erik de Luca Mello enseñarme el significado de la palabra AMIGO y lógico atras de um grande hombre existe una grande mujer, Gracias Aline.

A Claudia, mi super amiga de siempre, la version femenina del significado AMIGA, por todo o que hizimos juntas, por el cariño, compañeirismo, complicidad te adoro.

Tatianinha, por las conversaciones de madrugada, por la compañía por los mail y los nombres chistosos !!!!! Pero mas que nada por el cariño TE PASASTE

Para Paty (Nina) por siempre me apoyar y creer em mi y ser simplemente mi AMIGA.

Para mi amiga que Topa Tudo, sin ti no hubiese conseguido hazer la prueba gracias Joviane.

A las personas del LAPREV: Alex, Raquel, Dani, Patricia, Ricardo, Graça. Gracias

A Rossi y Nelson Matos, por la simplicidad por los eternos favores GRACIAS

A la Sra. Blanca y los Bentin por la fé y el orgullo que tienen de mi.

Para Martita Reyes la campeona eres lo maximo negrita, pá lante sempre pá lante gracias por tu carinho, por tu orgullo te quiero mucho.... mucho

Para mi mama por todas las velas gracias Juancha.

Para Cesar Augusto y Pepe que mismo lejos, estamos juntos en el cariño.

Para mi negrito, mi Bruneco por las noches no dedicadas, por las historias no contadas e por toda la fuerza que tu me das, TE AMO BRUNO.

Los últimos seran los primeros. Gracias cholito, pues pasamos muchas dificultad e ahora estamos comenzando una nueva vida, gracias por la fuerza, y sobre todo por tu amor. **Te queiero mucho** mi traumante del paradero.

Às minhas crianças e suas mães, obrigada por me ensinarem a ser diferente.

RESUMO

Os comportamentos agressivos da criança estão articulados com os múltiplos contextos em que estas vivem, no âmbito da família, da escola e das outras instituições da sociedade. O presente estudo teve por objetivo avaliar um programa de intervenção com crianças pré-escolares agressivas: suporte à escola e à família em ambiente natural dirigido a pais e professores, com o intuito de reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como, incrementar seus comportamentos socialmente adaptados. Participaram do estudo três crianças do sexo masculino de quatro, cinco e seis anos de idade, suas respectivas mães e professoras. Inicialmente, foram realizadas observações do comportamento agressivo das crianças na escola, utilizando-se um protocolo de observação e registro de comportamentos agressivos. O delineamento utilizado foi de linha-de-base múltipla com os participantes, desta forma a intervenção teve início em períodos diferentes para cada criança. Adicionalmente foram realizadas entrevistas iniciais com as respectivas mães e professoras. A intervenção com as crianças consistiu em duas sessões semanais de 45' ao longo de sete meses, nas quais foram abordados tópicos como: imposição de regras, formas alternativas para não agredir e resolução de conflitos. Tais habilidades foram trabalhadas por meio de brincadeiras, exercícios e role-play. A intervenção com as mães ocorreu uma vez por semana na casa das mesmas e teve o objetivo de capacitá-las a lidarem com os comportamentos de seus filhos, aumentando os comportamentos adequados e diminuindo os inadequados (agressão), bem como, maximizando a sua rede de apoio e diminuindo estressores. Com relação às professoras, foram realizados encontros quinzenais de 45' nas respectivas escolas, no horário da aula de Educação Física, com o intuito de auxiliá-las no manejo do comportamento agressivo da criança. Os resultados mostraram que as crianças diminuíram seus comportamentos agressivos de forma significativa, utilizando formas alternativas de comportamento para alcançar seus objetivos. As mães consideraram que a intervenção foi útil, aumentando a qualidade de suas relações interpessoais, principalmente com seus filhos. As professoras relataram que a pesquisadora conseguiu estabelecer uma relação diferenciada com a criança, diminuindo a agressividade na presença da mesma. Considera-se que uma das contribuições do trabalho foi demonstrar a efetividade da intervenção precoce com crianças agressivas, ainda que a diminuição dos comportamentos inadequados tenha sido contextual, sem generalização para a sala de aula. Por este motivo, seria importante que futuros estudos enfatizem a intervenção professor-aluno tanto quanto criança-família.

ABSTRACT

Children's aggressive behaviors are related to the multiple contexts of their lives, such as the family, school and other social institutions. This study had the aim of evaluating an early intervention program with aggressive pre-school children, involving parents and pre-school teachers in order to improve a reduction on the level of aggressive behaviors, as well as increasing adaptive ones. Three male to six-year old children, their mothers and school teachers participated of the study. Initially observations of the aggressive behavior of the children were done at school with the aid of a protocol of observation and recording of aggressive behavior. An initial interview with mothers and teachers were also done. The intervention with the children consisted in two sessions of 45 minutes each per week throughout six months, in which topics like: rules impositions, alternative ways to aggressive responses and conflict resolution were discussed. These skills were taught using games, exercises and role-play. The intervention with the mothers occurred once a week and had the goal of capacitating them in terms of managing the behaviors of their children, increasing positive interactions as well as optimizing their support systems and decreasing stressors. In regards to the teachers, there was one 45 minute meeting at school during the Physical Education classes with the purpose of helping them to deal with aggressive situations of their students. The procedure involved a multiple-base-line among participants. Results showed that the children decreased their aggressive behavior in a significant way using alternative behavior to meet their needs. The mothers pointed out that the intervention was useful, improving the quality among their interpersonal relations, especially with their children. The teachers reported that the researcher had established a differential procedure in regards to the children, and this lowered aggressions in their presence. One of the contributions of this study was to demonstrate the effectiveness of an early intervention program with aggressive children; nevertheless the program had little generalization to the classroom. It would be important that future studies focus on the teacher-student as well as children-family interactions.

Índice das Tabelas

Tabela 1 Detalhamento das intervenções com as crianças.....	22
Tabela 2 Tópicos trabalhados com as mães durante a intervenção.....	27
Tabela 3. Temas trabalhados com as professoras na intervenção.....	29
Tabela 4. Principais características das mães participantes do estudo.....	30
Tabela 5. Características dos pais das crianças participantes do estudo.....	31
Tabela 6. Desempenho das crianças em testes normativos	36
Tabela 7. Características das professoras participantes do estudo.....	37
Tabela 8. Indicação dos principais estressores relatados pelas famílias.....	43
Tabela 9. Desempenho escolar das crianças com base no relato das professoras	47
Tabela 10. Sínteses da entrevista final com as crianças.....	51
Tabela 11. Sínteses da entrevista final com as mães.....	52
Tabela 12. Sínteses da entrevista final com as professora.....	53

Índice de Figuras

Figura 1: Frequência de ocorrência de comportamento agressivos das crianças na linha de base, durante a intervenção e no follow up	38
Figura 2: Porcentagens total obtida pelas mães nos fatores da FES.....	45

SUMÁRIO

Ficha catalográfica.....	III
Agradecimentos	IV
Dedicatória.....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Índice de tabelas	VIII
Índice de figuras.....	IX
Sumário.....	X
Introdução.....	01
Causas do comportamento agressivo.....	02
Fatores de risco para o comportamento agressivo.....	03
Projetos de intervenção com crianças agressivas.....	07
Objetivo.....	13
Método.....	14
Triagem das crianças.....	14
Participantes.....	15
Material e equipamento.....	15
Procedimentos de coleta de dados.....	16
Crianças.....	17
Mães.....	19
Professoras.....	20
Intervenção.....	21
Procedimento de intervenção com as crianças.....	21
Procedimento de intervenção com as mães.....	24
Procedimento de intervenção com as professoras.....	25
Resultados.....	30
Discussão.....	56
Referencias bibliográfica.....	70
Anexos.....	79

Eisteing e Souza (1993), definem violência como sendo toda ação danosa à vida e à saúde do indivíduo, caracterizada por mau trato, cerceamento da liberdade ou imposição da força. Segundo os autores “em termos gerais as definições sobre violência coincidem em identificar lesões físicas, psíquicas ou sexuais que são exercidas sobre outra pessoa ocasionando dor, doença, transtornos emocionais, feridas e até a morte”(p.95).

A agressão é definida por Parke e Sawin (1997), como uma forma destrutiva do comportamento social, que causa dano, ferimento e transtorno para ambos os participantes e outros do mesmo grupo social” (p.9).

Segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV), a agressão está vinculada a diversos transtornos, porém, encontra-se mais especificada no quadro de Transtorno de Conduta, caracterizado por um padrão persistente de comportamento no qual são violados os direitos básicos dos outros, ou normas ou regras sociais importantes apropriadas à idade (*American Psychiatric Association*, 1994). A agressividade infantil apresenta-se, também, com frequência, no quadro de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) caracterizado por problemas de comportamento que se manifestam desde a idade pré-escolar como déficit de atenção, nível excessivo e crônico de atividade motora, falta de controle ou impulsividade, tendência à satisfação imediata dos desejos e pouca tolerância à frustração (Goldstein & Goldstein, 1992).

As causas do comportamento agressivo em crianças

Quando se fala em agressividade infantil deve-se levar em consideração que a agressividade na criança entre os dois e cinco anos faz parte do quadro normal de

desenvolvimento. Entretanto, à medida em que as crianças conseguem se expressar verbalmente, elas deixam de demonstrar agressividade, passando a expressar suas necessidades por meio de palavras. (Fiameghi Jr., Bressan & Porto 2003, Papalia & Olds; 2000).

Muitos autores encaram a agressividade infantil como uma forma de a criança pedir ajuda por não saber lidar com sentimentos como mágoa, insegurança e frustração (Maldonado, 2003; Train; 1997).

Há consenso na literatura de que os comportamentos agressivos da criança estão articulados com os múltiplos contextos em que essas vivem (no âmbito da família, da escola e das outras instituições da sociedade) sendo identificados como fatores de risco para o seu desenvolvimento (Meneghel, 1998; Kaplan, Sadock, & Grebb, 1997; Lisboa & Koller 2001, Webster-Stratton, 1997; Marinho, 1999; Fiameghi Jr., Bressan & Porto 2003).

Maldonado (2003), realizou um estudo com o objetivo de relacionar o comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola com a violência doméstica. Para isto foram avaliadas 28 crianças de baixo poder aquisitivo, sendo que 14 dos mesmos apresentavam comportamentos agressivos na escola (Grupo A) que foram comparadas com 14 crianças com características semelhantes que não apresentavam comportamento agressivo (Grupo B). Os resultados mostraram similaridade entre os pais de ambos grupos que apresentavam problemas de saúde, abuso de álcool, sendo que no grupo A estes problemas eram mais expressivos. No geral os resultados apontaram para a ocorrência de violência em ambos os grupos, porém, no grupo de crianças agressivas a violência era mais severa ou grave.

Na pesquisa realizada por Wright, George, Burke, Gelford & Teti (2001), foram estudadas as avaliações dos professores de 29 crianças, com idades entre 5 a 8 anos. Os relatos dos professores sinalizaram maior dificuldades e problemas de comportamento anti-social, comportamento agressivo e desempenho acadêmico pobre nas crianças cujas mães apresentaram depressão quando seus filhos tinham entre 3 meses a 3 anos de idade. Na maioria dos casos, as mães relataram que seus filhos enfrentaram problemas de ajustamento e de comportamento na escola, sendo, portanto a depressão materna mais um fator que poderia influenciar os comportamentos agressivos das crianças.

Fatores de risco para o comportamento agressivo

Entende-se por fatores de risco variáveis ambientais que podem influenciar sobre as crianças, aumentando a possibilidade destas apresentarem distúrbios ou atraso no seu desenvolvimento. Entre esses fatores de risco, há dois que exercem grande influência: os riscos biológicos e os riscos psicossociais. O primeiro fator de risco está relacionado a anomalias cromossômicas, infecções viróticas, exposição à radiação, entre outros. Os fatores psicossociais, por outro lado, estão relacionados a variáveis demográficas, processuais e a eventos estressores no ambiente (Guralnick, 1998).

Um fator de risco psicossocial marcante é a pobreza, que implica na existência de muitos outros fatores de risco para um desenvolvimento adequado da criança, como por exemplo a ausência de moradia adequada, de alimentação, assistência médica etc. (Guralnick, 1998; Paplia & Olds, 2000).

Guralnik (1997), enfatiza que entre os estressores que podem afetar o desenvolvimento da criança, estão: características interpessoais dos pais (grau de

depressão, nível institucional, experiências intergeracionais aprendidas sobre estilo parental, incluindo expectativas culturais) e características não diretamente relacionadas com a deficiência da criança, como qualidade do relacionamento conjugal, o temperamento da criança, e os fatores de apoio social (Igreja, centros comunitários, secretarias de promoção social , entre outros).

Vários são os fatores que podem influenciar o comportamento agressivo de uma criança. Entre eles, pais ineficazes e inconsistentes (monitoramento pobre, disciplina excessiva, supervisão inadequada), e a exposição à violência doméstica, que propicia um ambiente que reforça e mantém a agressão. Somam-se a estas influências, fatores genéticos ou déficit no desenvolvimento que levariam a criança a ter grandes riscos de apresentarem problemas de comportamento (Barnett, 1997; Hood, 2001; *Prevention of Youth Violence*, 2001).

Um outro fator a ser levado em consideração com relação aos problemas de comportamento diz respeito à gestação da mãe. É sabido que a gestação é um período crítico para o desenvolvimento do bebê e se, durante a gravidez, a saúde da mãe for frágil, ou apresentar problemas de eclâmpsia antes do parto, o bebê pode apresentar uma maior tendência para o desenvolvimento de problemas de comportamento e de aprendizagem (Goldstein, 1997).

Lisboa e Koller (2001), sinalizam que a agressão infantil pode estar direcionada aos colegas de mesma idade ou aos pais e professores. A agressão direcionada aos colegas é diferenciada daquela direcionada aos adultos. Tal diferenciação está relacionada à percepção de autoridade do outro e à posição hierárquica que este ocupa. Na maioria das vezes, quando a agressão é direcionada aos iguais, esta se manifesta sob a forma de confronto (agressões físicas e verbais,

danos a objetos, etc.). Quando ela é direcionada aos professores e/ou familiares, sua forma não é de confronto físico, mas sim caracterizada por perturbação do ambiente, agitação motora, dispersão, etc.

Segundo uma força-tarefa criada por psicólogos norte-americanos especialistas no combate à violência:

“A falta de atenção dos pais ao comportamento da criança e a disciplina paterna inconsistente podem ser grandes contribuidores do comportamento agressivo. Os processos psicológicos são complexos: a punição extrema é tão provável de provocar agressão quanto, por exemplo, de inibi-la e a disciplina abusiva e rígida pode solapar o desenvolvimento de autocontrole, bem como, a falta de monitoramento e de carinho” (*APS Observer*, 1997, p.59).

Silvares (2001), aponta para o fato de que crianças com comportamentos agressivos apresentam déficits comportamentais relacionados a diversas habilidades, como por exemplo perceber e dar dicas para entrada em grupos, perguntar e responder questões, cumprimentar amigos, participar em tarefas e seguir instruções, cooperar, dividir e elogiar colegas.

McGinnis e Goldestein (1990), defendem o fato de que crianças com relações sociais pobres, quando comparadas com crianças com boas habilidades sociais, têm um alto risco de desenvolverem problemas de comportamento durante a infância e na fase adulta. Os autores assinalam a importância de se ensinar habilidades sociais para crianças pré- escolares relacionadas às novas demandas que a mesma enfrentará na pré escola, já que a criança passará a conviver, não só com

familiares e vizinhos, e sim com novas pessoas. Por estas razões, as crianças com comportamentos agressivos precisam de um treinamento diferenciado em suas habilidades sociais para poderem se relacionarem com pares e professores.

Silva (2000), afirma que as dificuldades apresentadas pela criança no âmbito familiar tendem a aumentar quando a criança entra na escola, já que tal ambiente não está preparado para suprir necessidades e, conseqüentemente, os problemas de comportamento tendem a se intensificar em frequência e intensidade.

Em casos extremos ou quando o comportamento agressivo não for trabalhado precocemente com a criança, esta poderá apresentar, futuramente, um desempenho acadêmico pobre, evasão escolar, possibilidade de delitos ou infrações, criminalidade e doença mental (Silva, 2000; Lisboa & Koller, 2001; Marinho, 1999; Train, 1997; Coes, 1999).

A literatura psicológica sobre intervenção com indivíduos agressivos tem mostrado também que a agressividade destrutiva na infância apresenta alta correlação com a delinqüência e o uso de drogas na adolescência (Lisboa & Koller, 2001; Train, 1997).

Marinho (1999), assinala, ainda, que se um dos pais apresenta comportamento anti-social, a criança é colocada sob um risco significativo de apresentar padrão anti-social e caso ambos os pais apresentem este padrão de comportamento, os riscos aumentam ainda mais.

Marinho (1999), afirma que, nas últimas décadas, uma estratégia utilizada dentro desta temática visa orientar a família de forma que a mesma assuma um papel ativo na prevenção e remediação das dificuldades da criança. A autora aponta para algumas das características de pais de crianças agressivas como: pais não

contingentes em suas interações com sua criança-problema e com tendência a serem irritáveis em suas interações com os membros da família em geral. Além destas características, outros autores apontam para o fato de que pais de crianças agressivas mostram pouca consistência nas estratégias de controle, seja oscilando em uma absoluta previsibilidade ou na imposição autoritária e punitiva das normas de comportamento (Brioso & Sarria 1995; *Prevention of Youth Violence*, 2001; e Santos, 2001).

Projetos de prevenção com crianças agressivas

No Brasil poucos são os programas de intervenção que abordem à temática da agressividade infantil. Na revisão da literatura aqui realizada destaca-se apenas os trabalhos de Marinho, (1999); Silvares, (2001), Santos (2001) e Souza; Soldatelli & Lopes (1997).

No estudo realizado por Marinho (1999), a intervenção ocorreu exclusivamente com os pais das crianças que apresentavam comportamentos anti-sociais. Participaram de tal estudo 12 pais, cujas idades dos filhos variaram de 7 a 12 anos. A intervenção se deu em grupo, perfazendo um total de 12 sessões com duração de 90 minutos cada, divididas em três fases: atenção diferencial, treino de solução de problemas e assuntos diversos. Já no estudo de Silvares (2001), a intervenção envolveu tanto os pais como as crianças. O procedimento utilizado para a intervenção com as crianças consistiu em 15 sessões em grupo, com duração de aproximadamente 60 minutos cada sessão. A intervenção com os pais foi realizada também em grupo, ocasião em que foram dadas orientações de como agir com os respectivos filhos de modo a auxiliá-los no processo de mudança. Em ambos estudos

os resultados foram favoráveis na redução do comportamento agressivo e inadequado das crianças.

O trabalho de Santos (2001), consistiu de uma intervenção psicológica a um grupo de três famílias (1 casal e 2 mães) em um período de sete meses, com o objetivo de reduzir ou eliminar o comportamento agressor destes pais, todos reincidentes de agressão aos filhos no Conselho Tutelar Foram realizados 26 encontros, sendo que apenas o casal finalizou a intervenção. A família era composta por pai portador de deficiência física, mãe portadora de deficiência mental, filha portadora de deficiência mental e o filho (alvo da agressão) com transtorno de comportamento. O procedimento para avaliar a redução dos comportamentos agressores consistiu na análise do auto-relato semanal dos pais sobre agressões, auto-relato das crianças, entrevistas com os professores, e monitoramentos dos casos via Conselho Tutelar. O alvo da intervenção consistiu em ensinar novos repertórios de manejo na educação dos filhos por meio de discussões, aulas expositivas, vídeos, tarefas de casa, etc. Os resultados da intervenção indicaram uma diminuição inicial e duradoura das agressões, bem como do grande número de estressores a que a família estava sujeita.

Os estudos de intervenção de procedência estrangeira podem ser encontrados em maior número, tendo diversos enfoques de prevenção (primária, secundária e terciária), e envolvendo treinamento para pais e professores, e outras pessoas que lidam com as crianças.

Vários são os trabalhos encontrados na literatura internacional de natureza preventiva que intervêm no ambiente em que a criança se desenvolve (família e escola). Pode-se citar o realizado por Walker (2001), trabalhando com crianças pré-

escolares que apresentam comportamentos agressivos, sendo que a intervenção é realizada junto à família e à escola. A finalidade de tal trabalho consiste em ajudar as crianças a terem um melhor desempenho, quando encaminhadas para o ensino fundamental, sendo que a intervenção sinalizou excelentes resultados.

Gerald, Realmuto, Hektner e Bloomquist (2001), em que os autores atuaram com crianças com comportamentos agressivos pré-escolares e escolares, tendo utilizado um procedimento no qual as crianças freqüentaram um programa de verão, dentro da própria escola, uma vez por ano, com duração de seis semanas. Os professores das crianças tiveram supervisão e o programa oferecia grupos de habilidades sociais e treinamento em grupo, com suporte específico para cada caso. Após dois anos da intervenção, o programa mostrou resultados significativos: as crianças apresentaram maior auto-controle e maior freqüência de comportamentos adequados na escola. Com relação aos pais, aqueles que participaram do programa com maior freqüência, identificaram formas alternativas para disciplinar seus filhos.

Há, ainda, o estudo de Johnson (2001), que teve como objetivo inicial trabalhar com crianças com indícios de problemas de conduta, com o intuito de promover melhoras no relacionamento com seus pares, bem como ensinar técnicas de resolução de problemas, dentre outras habilidades. O estudo mostrou que crianças diagnosticadas com transtorno de Comportamento Desafiador Opositivo, mostraram resultados significativos em resolução de problemas e manejo de conflitos, habilidades necessárias para manter interações saudáveis com seus pares e prevenir problemas de conduta. A partir destes resultados, a autora realizou uma continuação do estudo do qual fizeram parte todos os alunos de uma sala de aula da pré-escola com o intuito de promover habilidades sociais e resolução de problemas, e

estabelecer relacionamentos positivos entre as crianças agressivas e seus pares. Os resultados se confirmaram: as crianças que participaram do programa apresentaram um menor nível de problemas de comportamentos, bem como maior nível de habilidades sociais, quando comparadas com as crianças que não participaram da intervenção.

Ao se trabalhar com famílias um aspecto importante envolve a realização da intervenção no próprio ambiente familiar pois essa é uma estratégia adequada para diminuir o número de faltas decorrentes de dificuldades econômicas para ir até o local das reuniões, dificuldades de sair de casa por não ter com quem deixar os filhos, etc (Wasik & Bryant, 2001; Santos 2001; Williams & Aiello, 2001). Além disso, a atuação no próprio ambiente natural facilitaria a observação por parte do pesquisador de outras variáveis úteis para o impacto da intervenção que por sua vez permitirão um melhor impacto no procedimento. (Wasik & Bryant 2001, Santos, 2001; Williams & Aiello, 2001).

O conceito de empoderamento de famílias parece ser útil também , sendo que esse conceito tem sido utilizado em diversos contextos (ecologia humana, reabilitação, psicologia comunitária e assistência social) e, no geral implica no processo pelo qual os indivíduos passam a ter controle sobre suas próprias vidas, influenciando seus ambientes sociais e interpessoais.(Sigh; Curtis; Ellis, Nicholson; Villani. & Wechesler 1995).

Com relação ao empoderamento de famílias os mesmos autores definem tal termo pelo processo pelo qual às famílias têm acesso a conhecimentos, habilidades e fontes que lhes permitem ter um ganho positivo no controle de suas vidas, assim como melhorar a qualidade de seu estilo de vida.

A noção de empoderamento que os pais têm interfere no relacionamento com seus filhos, e mais diretamente os pais de crianças que apresentam necessidades especiais, tais como os de crianças agressivas os pais não empoderados de forma adequada, e mostrando pouco conhecimento de estratégias para lidarem com o comportamento dos filhos.

Contudo, é importante que o trabalho não se restrinja somente aos pais, tal como aponta Romero (1995), pois muitas vezes, os professores reforçam, com maior frequência, os comportamentos inadequados das crianças e, desta maneira, acabam fortalecendo-os. Além disto, os professores deixam por vezes de incentivar atitudes adequadas, o que pode favorecer o surgimento e manutenção de problemas de comportamento na criança. Por esses motivos, tanto os pais quanto os professores, precisam desenvolver estratégias adequadas para poderem lidar com crianças agressivas.

No contexto escolar, Brioso e Sarria (1995), sugerem que o professor precisaria conhecer as necessidades dos alunos, pois dessa forma, poderá enfrentar as diversas dificuldades do alunado na sala de aula, principalmente àquelas relacionadas à dificuldade de concentração e perturbação.

Marturano, Linhares e Parreira (1993), sinalizam que o comportamento agressivo em crianças é um problema muito presente na escola e que, muitas vezes, os professores não sabem enfrentar tal problema. A criança agressiva faz parte de uma população com necessidades especiais, sendo preciso informações que subsidiem as intervenções necessárias.

O trabalho de Craig (1992), ilustra que crianças com comportamento agressivo podem precisar de um suporte adicional para completar tarefas da escola; o

professor, portanto, tem a possibilidade de gerar alternativas no sentido de encorajar e desenvolver a capacidade do estudante.

O presente estudo visa intervir com crianças pré-escolares, pois essa fase é uma época ideal para a aquisição de competências novas e para que os pais aprimorem suas habilidades parentais. Silva (2000) e Webster-Stratton (1997), entre outros, apontam que a intervenção precoce pode ser a forma mais efetiva de intervenção com essa população. É preciso, portanto, realizar a intervenção o mais precocemente possível com a finalidade de minimizar problemas, bem como diminuir seus impactos negativos; além disso, o custo da intervenção é mínimo comparado com os efeitos nefastos ao longo da vida. Nos países desenvolvidos, as conseqüências de atos agressivos são responsáveis por um gasto anual de 425 bilhões de dólares nos Estados Unidos e de 46 bilhões no Canadá (Hood, 2001).

Desta forma, realizar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas significa contribuir para o desenvolvimento da área de prevenção em Educação Especial, uma vez que tais crianças apresentam necessidades educativas especiais e, na ausência de intervenções tais necessidades podem tornar-se mais graves.

A maioria dos estudos que intervêm com a temática da agressividade infantil no Brasil foi direcionada unicamente às crianças e/ou a suas famílias (Marinho, 1999; Silves, 2000). O presente trabalho pretende, englobar os dois principais contextos em que a criança se desenvolve (família e escola), com a finalidade de obter um resultado mais amplo na diminuição dos comportamentos agressivos com crianças de uma faixa etária menor.

Objetivo

O objetivo desse estudo consistiu em avaliar um programa de intervenção com crianças pré-escolares agressivas, dirigido a pais e professores, com o intuito de reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados.

Sendo assim, a pergunta a ser respondida neste trabalho é: se for conduzido um programa de intervenção junto à família e à escola, poderão ser eliminados os comportamentos agressivos da criança pré-escolar?

Método

Triagem das Crianças

O projeto foi encaminhado à Secretaria da Educação na cidade de São Carlos, que indicou uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) como local para ser realizado o estudo (o Anexo 1 contém carta utilizada solicitando permissão para realizar o trabalho na EMEI). A triagem das crianças participantes envolveu a indicação das professoras responsáveis por salas que apresentavam alunos com comportamentos agressivos. Após essa indicação a pesquisadora realizou observações nas respectivas salas, no parque e na aula de educação física, confirmando a indicação da professora em todos os casos.

Os critérios para a seleção das crianças participantes foram: crianças com idade entre 4 e 6 anos (priorizando-se aquelas de menor idade), cujos pais não apresentassem dependência química ou alcóolica e problemas psiquiátricos.

Na referida EMEI foram detectados seis alunos com comportamentos agressivos preocupantes (cinco do sexo masculino e um do sexo feminino). Considerando-se que o projeto em questão envolveria apenas três crianças, preferiu-se aquelas de menor idade, (uma das crianças não selecionadas era irmão de um dos participantes do estudo). Após essa seleção, foi realizado um contato com os pais das três crianças e solicitada a permissão para participação no estudo.

Com relação às duas crianças não participantes, foi realizado também um contato com os pais com o objetivo de realizar encaminhamentos para outros recursos na comunidade. Cabe ressaltar que a criança do sexo feminino não participou do estudo, pois na fase de linha-de-base a mesma não comparecia

freqüentemente à escola, dificultando a coleta de dados. Posteriormente tal criança mudou-se de escola.

Participantes

Fizeram parte deste estudo três crianças, todas do sexo masculino, com quatro, cinco, e seis anos de idade matriculados em uma EMEI da cidade. Estas crianças freqüentavam, no período vespertino, uma creche municipal. O horário de entrada das crianças na EMEI era 7:30; as atividades escolares terminavam às 11h, e, aproximadamente às 11h15min chegava o ônibus da prefeitura para levá-los à creche, onde ficavam até às 17 horas.

Ao completar sete anos de idade, o participante de seis anos passou a freqüentar uma escola pública da periferia da cidade. Além das crianças, também participaram do estudo suas respectivas mães e professoras. Maiores informações sobre estas serão fornecidas na sessão de resultados.

Material e Equipamento

Para a obtenção da permissão de participação da criança no presente estudo, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi encaminhado para as mães dos alunos e professoras. Adicionalmente, foi enviada uma carta de pedido de autorização para realização da pesquisa na escola (Ver Anexo 2).

Materiais tais como brinquedos educativos, massa de modelar, giz de cera, pintura a dedo, caneta, lápis de cor, folhas de papel sulfite e almaço, fantoches, livros e CD infantis, foram utilizados durante as sessões com cada criança. Um gravador M-427 de marca Sony, um rádio com CD de marca Cougar, um microcomputador, impressora e cartuchos faziam parte dos equipamentos usados. Folha de registro, protocolos de observação, roteiros de entrevistas, Escala de Empoderamento da

Família, (FES de Koren, De Chillo, & Friesen, 1992); Teste de Avaliação da Linguagem Peabody (Dunn, e Dunn, 1981) e Testes de desempenho intelectual WISC (Weschler,1949;) também foram utilizados.

Procedimento

Procedimento de coleta de dados

Tendo sido indicada à EMEI pela secretaria de educação, a pesquisadora contatou a diretora da mesma, explicando-lhe em que consistiria o estudo e quais seriam suas implicações. Solicitou, então, a aprovação da diretora para realizar o estudo nas dependências da escola (Anexo 2). Após obter a autorização por escrito da diretoria da EMEI, a pesquisadora contatou as mães ou responsáveis na saída das crianças na creche para informar lhes sobre o estudo e convidá-las a participar do mesmo. Após a aceitação, era marcado um encontro na casa de cada mãe participante, no qual era explicado em que consistia o estudo e suas implicações, solicitando-lhe que assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Este apresentava informações sobre o objetivo do estudo e cuidados éticos (sigilos, participação voluntária e ausência de penalidades para a não participação). Todas as mães convidadas assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e de seus respectivos filhos (Anexos 3 e 4).

Com relação à professora, a pesquisadora conversou com cada uma delas no horário do café solicitando sua participação e explicando-lhe suas implicações. (Ver Anexo 5).

O presente estudo foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos registrado no Conselho Nacional de Saúde sendo deliberado a sua aprovação. (O Anexo 6 apresenta uma cópia da deliberação).

1. Dados relativos ao desempenho da criança

A) Observação e registro do comportamento agressivo da criança na escola.

A observação e registro dos comportamentos agressivos das crianças na escola foi realizada utilizando-se um Protocolo de Registro que incluía duas modalidades de agressão: agressão física (chutar, cuspir, morder, etc.) e agressão verbal (falar palavrões, xingar). Adicionalmente foi observada uma terceira categoria relativa a "outros" comportamentos inadequados (desafiar, desobedecer). (O Anexo 7 possui um exemplar de tal protocolo).

Foram feitas observações em três situações diferentes: ao ar livre (parque), na sala de aula e na aula de Educação Física. Ao realizar as observações, a pesquisadora ficava sentada próxima à criança registrando a frequência da agressão por parte de mesma, porém, de forma a não interromper ou dificultar as atividades que estavam sendo desenvolvidas. Cada sessão de observação teve 20 minutos de duração. Foram conduzidas três sessões semanais de observação para cada criança, com um intervalo de um dia entre cada sessão de observação. As observações foram realizadas antes da intervenção, após a mesma e no *Follow-up*.

Fidedignidade

A fidedignidade dos dados de observação do comportamento agressivo da criança na escola foi avaliada por uma profissional de formação semelhante à da

pesquisadora psicóloga, mestranda do Programa de Pós graduação em Educação Especial (PPGEES) que participou na coleta de dados como um observador independente.

B) Entrevista Inicial com a Criança

Após a realização das observações de linha-de-base com cada uma das crianças foi realizada uma Entrevista Inicial com as mesmas, em uma sala cedida pela direção da escola. Tal entrevista teve como objetivo auxiliar no planejamento da intervenção, sendo que conversou-se com as crianças sobre o projeto e sobre quais seriam as atividades a serem desenvolvidas. A entrevista abordou questões sobre a criança, sobre sua família, gostos e preferências em relação aos brinquedos, formas de enfrentamento, relacionamento com os pais e disciplina usada pelos mesmos. O roteiro de tal entrevista foi desenvolvido pela autora com base em Santos, 2001 (Anexo 8).

C) Avaliação das crianças.

Com o intuito de melhor entender o desenvolvimento das crianças participantes do estudo com relação a linguagem e raciocínio lógico foram aplicados individualmente o *Peabody Picture Vocabulary Test* (Teste de Vocabulário Pictográfico Peabody, Dunn & Dunn, 1981) e a Escala de Inteligência para crianças *WISC Weschler intelligence Scale for Children* (1949), traduzido por A. M. Popovick (1962).

D) Entrevista de Avaliação do Programa de Intervenção.

Essa entrevista continha cerca de oito questões com a finalidade de investigar a opinião da criança sobre a qualidade da intervenção, e se, em seu entender, os problemas que ela enfrentava antes da intervenção haviam sido sanados. A entrevista foi aplicada no final da intervenção (Anexo 9).

2. Dados relativos às Mães

A) Entrevista Inicial

Após o primeiro encontro com as mães para a obtenção do Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizada uma Entrevista Inicial na casa das participantes Mães 1 e 3 (M1 e M3). A entrevista com M2 foi realizada no Serviço-Escola do Departamento de Psicologia, na Universidade Federal de São Carlos. Tal entrevista foi elaborada com base em Williams e Aiello (2001) e Santos (2001), e continha informações sobre condições de desenvolvimento do filho, necessidades especiais do mesmo, dificuldades da família em relação aos problemas da criança, disciplina utilizada e histórico da família com relação à violência etc. A entrevista foi gravada, com o intuito de não se perderem informações relevantes, tendo sido planejada para ser realizada em aproximadamente 90 minutos, porém, com M1, a entrevista teve a duração de 180 minutos, sendo realizada em duas visitas domiciliares (Anexo 10).

B) Auto-relato das mães

Nas sessões com as mães utilizou-se um "diário de bordo" no qual eram registrados, semanalmente, o auto-relato das mesmas sobre o manejo do comportamento dos filhos, agressividade infantil, estressores e dificuldades enfrentadas pelas famílias, bem como soluções de enfrentamento utilizadas.

C) Entrevista de Avaliação

No final da intervenção foi realizada uma Entrevista Final com as mães para que as mesmas avaliassem a intervenção, expressando opiniões sobre a qualidade da mesma. (Ver Anexo 11).

D) Escala de Empoderamento da Família (FES)

Essa escala foi elaborada por Koren, De Chillo e Friesen, (1992) sendo desenvolvida com o objetivo de medir o empoderamento de famílias que têm crianças que apresentam problemas de comportamento.

A FES está subdividida em 4 fatores. O primeiro fator refere-se ao *sistema de militância* cujos itens representam os pensamentos, crenças e comportamentos dos pais a respeito de suas interações com os membros dos sistemas no qual seu filho esta inserido; o segundo fator refere-se a *conhecimento*, ou compreensão e habilidade dos pais em trabalhar com os sistemas de saúde mental; o terceiro fator está relacionado à *competência*, representando a percepção dos pais de suas habilidades e competências enquanto pais; o quarto fator é sobre a *Auto-eficácia*, representando as percepções dos pais sobre suas habilidades para produzir mudanças e utilizar o sistema de saúde. Inicialmente planejou-se aplicar a escala em três momentos distintos: antes e após a intervenção e no *Follow up*, porém, a mesma foi aplicada unicamente durante a intervenção. (Ver Anexo 12 para uma cópia da FES).

3. Dados relativos às Professoras

A) Entrevista Inicial

Tal entrevista continha informações sobre a experiência profissional da professora, há quanto tempo lecionava para a criança participante, aspectos acadêmicos e opiniões sobre o desempenho do aluno. Essa entrevista foi realizada na escola, no

horário da aula de educação física, tendo uma duração aproximada de 40 minutos. Para a elaboração de entrevista foi utilizado o roteiro de Santos, 2001 (Ver Anexo 13).

B) Entrevista de Avaliação do Projeto

Para a elaboração da entrevista de avaliação com as professoras foi adaptado o roteiro de Santos (2001). Esta entrevista foi aplicada no fim da intervenção, no horário da aula de Educação Física (Ver Anexo 14).

4. Intervenção com as crianças

Foram realizados dois encontros semanais com cada criança individualmente ao longo de cinco meses, com uma duração aproximada de 45 minutos cada encontro. Os encontros foram realizados na própria escola das crianças (em sala cedida pela direção). Durante os encontros, foram explorados vários tópicos como: imposição de regras, seguir instruções, como lidar com a impulsividade, autocontrole, rejeição dos colegas e habilidades sociais. Estes tópicos foram trabalhados por meio de exercícios, dinâmica de grupo, jogos e brincadeiras. Nos últimos 10 minutos de cada encontro, a criança tinha à sua disposição, diversos materiais com os quais ela poderia brincar (lápiz de cor, quebra-cabeças, massa de modelar, tinta guache, lego, etc.). Os temas trabalhados com as crianças foram baseados em McGinnis e Goldstein (1990).

Na Tabela 1, a seguir, encontra-se um detalhamento do programa de intervenção com as crianças.

Tabela 1. Detalhamento da intervenção com as crianças (adaptado de McGinnis and Goldstein, 1996).

Sessão	Temas	Estratégias utilizadas	Material	Tarefa de casa
1	Escutar (manter contato visual, dar feedback)	Leitura de histórias:	A girafa que cocoricava (Faulker, 2001).	Observar o comportamento das pessoas a seu redor (contato visual, feedback)
2	Dizer obrigado, pedir por favor, fazer perguntas	Leitura de histórias, role play	Boas maneiras (Parish, 1991). Boa Educação (Gomboli, 2001)	Agradecer as pessoas, pedir ajuda quando não conseguir realizar uma atividade ou tarefa sozinho.
3	Compartilhar, ajudar	Recortar figuras nas revistas e colar as mesmas em papel sulfite com a pesquisadora	Revistas, cola tesoura, papel.	Ajudar nas tarefas com os colegas e com os familiares.
4	Esperar a sua vez	Recortar revista com uma tesoura e cola.	Revista, tesoura, papel cola.	Em situações do dia a dia (na casa ou na escola) esperar a vez de ser chamado.
5	Seguir instruções	Esconder um objeto, sem que a criança observe, pedir para mesma achá-lo com base em instruções verbais	Brinquedos, cadeiras.	Ficar atento às instruções dadas pelos adultos e executá-las.
6	Conhecendo seus sentimentos	Identificar situações em que a criança não se sentiu bem, apresentar figura de pessoa e perguntar qual o sentimento expressado e por que.	Jogo dos sentimentos, revistas.	Notar as sensações de seu corpo quando ele está feliz, triste e bravo.
7	Perceber como a outra pessoa se sente	Mostrar figuras de pessoas com várias expressões e perguntar o que as pessoas estão sentindo.	Revistas	Prestar atenção nas atitudes das pessoas que estão a seu redor.
8	O que fazer Quando estou bravo	Ler história sobre uma criança mal-humorada, perguntas sobre coisas que a deixam brava.	Não gosto, não quero. (Savaget, 1993)	Quando alguma coisa a deixar aborrecida ao invés de explodir falar para a professora que não se sente bem

9	O que fazer Quando algo não é justo	Dar exemplo de situações em casa e na escola de coisas que não são justas		Perguntar (de forma educada) o porquê, mas isto não significa que a pessoa vai mudar de opinião.
10	Resolvendo problemas, decidindo o que fazer.	Pensar em coisas que gosta de fazer e analisar as conseqüências das mesmas.	Fazer desenhos de coisas que você gosta	Prestar atenção nas coisas que os adultos pedem para ele, e decidir o que fazer, levando em consideração as conseqüências.
11	Aceitar as conseqüências, lidando com a perda, Lidando com os erros, tendo recompensas	Montar Lego, para formar figuras: aviões, carrinhos etc.	Alguns legos, de vários tamanhos	Perceber qual é o comportamento da professora, quando ele realiza uma boa ação e, também, quando a própria crianças realiza uma ação inadequada.
12	Seja honesto	Brincar do Jogo da verdade	Caneta colorida	Perceber o comportamento dos adultos com quem convive quando fala a verdade.
13	Dizer não, aceitar o não	Montar quebra-cabeças	Quebra-cabeças de 60 peças	Perceber a atitude de sua mãe e professora quando estas dizem não .
14	Pedindo ajuda	Recortar figuras , montar quebra-cabeça complicadas	Realizar um desenho, difícil, montar uma figura de lego complicada.	Perceber quantos de seus amigos, irmãos conseguem fazer as coisas sozinhos, muitos deles precisam pedir ajuda; muitas vezes eles falam que podem ajudar e outras vezes não.
15	Lidando com as injustiças	Dar exemplos de situações em que a criança acredite ter acontecido alguma injustiça	Livro de histórias	Quando ela percebe que o que aconteceu não é justo, explicar para algum adulto o que está acontecendo.

5. Procedimento de Intervenção com as Mães

Foram realizados 12 encontros domiciliares semanais, ao longo de 7 meses, com uma duração de cerca de 60 minutos aproximadamente por encontro. Os encontros ocorreram nas casas das famílias a não ser no caso de M3, que solicitou após a quarta semana conduzir as reuniões no Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV), condição que facilitaria a sua rotina pois estava procurando emprego. A pesquisadora forneceu passes de ônibus para a mãe poder se deslocar até a Universidade.

A intervenção com as mães foi realizada paralelamente à intervenção da criança e da professora. O objetivo do treino domiciliar foi o de capacitar as mães a lidarem com os comportamentos de seus filhos, aumentando os comportamentos adequados e diminuindo os inadequados (agressão). Foram utilizadas estratégias comportamentais que possibilitaram repensar as formas de disciplina destas para com seus filhos, tais como dar conseqüências imediatas; dar incentivos (ao invés de usar medidas coercitivas); planejar com antecedência a conseqüência a ser dada (evitando a impulsividade); dar ênfase na consistência das contingências; aprender a lidar com sua raiva, dentre outras. Entre as técnicas utilizadas constavam o uso de material didático e técnica de relaxamento.

As visitas domiciliares começavam com o auto-relato das mães sobre como havia sido a semana, seguidos por comentários sobre as tarefas realizadas e orientações subsequentes. Em seguida a pesquisadora introduzia um novo tema para discussão e, finalmente, era combinada uma tarefa de casa para as mães realizarem com seus filhos na próxima semana.

A Tabela 2 apresenta uma relação dos temas trabalhados com as mães. Tais temas foram baseados em Zagury (2001); Lippi (1998); Del Prette & Del Prette (1999) e Santos (2001).

6. Procedimento de Intervenção com as Professoras

Após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram realizados encontros quinzenais com as professoras ao longo de quatro meses, paralelamente à intervenção das mães e das crianças. Tais encontros foram conduzidos nas respectivas escolas, no horário da aula de Educação Física, tendo a duração aproximada de 45 minutos. A finalidade desses encontros consistia em dar suporte à professora de forma a auxiliá-la no manejo do comportamento agressivo da criança, dentro da sala de aula, com os colegas de sala. Os temas trabalhados com as professoras foram desenvolvidos a partir do trabalho de McGinnis e Goldstein (1990).

De modo geral, as sessões com as professoras consistiram em uma apresentação oral do tema pela pesquisadora, seguido de discussão. Além das reuniões previstas, sempre que a pesquisadora retirava a criança para conduzir a sessão individual, dava assessoria às professoras, por solicitação destas, respondia dúvidas e prestava esclarecimentos em relação a possíveis conflitos que aconteciam na sala de aula. Essa assessoria era dada informalmente (sem registros), mas foi freqüente, ocorrendo todas as vezes em que a pesquisadora retirava a criança da sala-de-aula. No final do estudo foi realizado uma palestra em grupo com as professoras da EMEI, sistematizando todos os tópicos trabalhados.

A Tabela 3 a seguir contém um detalhamento do programa de intervenção com as professoras.

Delineamento experimental

Foi utilizado um procedimento de Linha-de-Base-Múltipla com os participantes (Hall, 1974). Desta forma, no início do estudo foram coletados dados de linha-de-base sobre a frequência de comportamentos agressivos da criança e, em seguida, foi iniciada a intervenção, simultaneamente com a criança, sua respectiva mãe e sua professora. A intervenção teve início em períodos diferentes da linha-de-base para cada criança. Assim, foram comparados os efeitos da intervenção com outros efeitos produzidos por demais variáveis (por exemplo: maturação, outros procedimentos dos pais etc.). No sétimo mês da intervenção houve um intervalo de quatro meses, havendo, em seguida, a coleta de dados de *Follow-up*.

Tabela 2: Tópicos trabalhados com as mães durante o período da intervenção.

	Tema	Estratégias utilizadas	Tarefa de casa
1	Como combater o estresse	Identificar as principais causas de estresse Analisar antecedentes e conseqüentes Ensinar formas de enfrentamento Relaxamento	Realizar caminhada uma vez por dia. Falar bom dia para os filhos assim que eles acordarem. Praticar relaxamento.
2	Técnica de relaxamento	Aplicação do relaxamento para à mulher trabalhadora (Lippi, 1998)	Realizar relaxamento durante a semana.
3	Como aprendemos a ser pais	Transmissão oral de diversos aprendizados fazer comida, limpar a casa, como ser mãe.	Perceber os comportamentos que as mães têm com seus filhos e compará-las com as atitudes de seus próprios pais
4	Necessidades e direitos das crianças	Transmissão oral sobre o tema com ajuda de folhetos.	Observar quais são as necessidades atuais de seus filhos.
5	Por que não bater	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001), exemplos do dia a dia da mãe e a criança. Formas alternativas de disciplinar.	Dialogar ao invés de agredir e, não deixar que o comportamento inadequado continue.
6	Limites, como disciplinar sem bater	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001), leitura de texto e análise dos fatos que acontecem em casa.	Aplicar outras formas de disciplina, (ficar de castigo, retirar brinquedos, etc.)
7	Dar limite é, não dar limite é	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001). Exposição de limites.	Perceber se esta sendo autoritário, ou se está impondo limites.
8	O que pode acontecer quando não se dá limites	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001). Transmissão oral e discussão do texto.	Analisar se o que acontece quando se é dado um limite e, este foi cumprido. E vice-versa.
9	o fazer que nossos filhos assumam as	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001).	Dar incentivos ou recompensas, acreditando

eqüências de seus atos	Transmissão oral e discussão do texto.	que consequência é necessária
10 O que levar em conta na disciplina dos filhos	Livro: Limites sem trauma (Zagury,2001). Transmissão oral, pedir para expor situações em que o filho precisa ser disciplinado e discutir sobre o assunto.	Perceber se esta sendo autoritário, ou se está disciplinando seu filho
11 Habilidades sociais	Técnicas de assertividade e agressividade, role play. (Del Prette e Del Prette, 1999)	Identificar formas alternativas de enfrentar uma situação sendo assertiva
12 Entrevista final	Questões	Refletir sobre os textos utilizados na intervenção.

Tabela 3: Temas trabalhados com as professoras durante a intervenção.

Sessão	Temas	Principais conceitos discutidos
1	Desenvolvimento infantil	Identificar diferentes fases e necessidades que a criança está passando.
2	Conseqüências reforçadoras e imediatas	Reforçar no momento exato que a criança realiza uma ação ou comportamento adequado: por exemplo a criança ajuda um amigo a se levantar quando o mesmo caiu no chão.
3	Ignorar comportamentos inadequados	Extinguir comportamentos inadequados que a criança apresenta dentro da sala de aula
4	Reforçar	Reforçar a criança quando a mesma estiver tranqüila ou executando a tarefa solicitada.
5	Recompensas	Quando a criança completar uma tarefa, fazer um elogio, recompensá-la com palavras e carinho.
6	Regras	Dar regras claras e cumpri-las. Uma vez dada a regra não voltar atrás e se tal acontecer, explicar o porquê da desistência da regra.
7	Limites	Ensinar que os direitos são iguais para todos, ensinar a tolerar pequenas frustrações, ensinar que cada direito corresponde a um dever e dar o exemplo.

Resultados

1. Caracterização dos participantes

Com base nos instrumentos utilizados no início do estudo foi possível sumarizar as características dos participantes do estudo. A Tabela 4 resume as principais características das mães das crianças.

A - Caracterização das mães.

Tabela 4 Principais Características das Mães participantes no início do estudo.

Mãe	Idade	Profissão	Raça	Escolaridade	Estado civil	Nº de filhos	Renda mensal (S.M.)*	Renda per capita	Nº cômodos da casa	Nº. cômodos por pessoa
1	37	Doméstica	Negra	4ª série	Casada	3	3.5	R\$140.00	6	1.2
2	34	Desempregada	Negra	5ª série	Solteira	4	1.0	R\$40.00	4	1.3
3	26	Domestica	Negra	9ª série	Solteira	1	1.0	R\$100.00	1	0.5

* salário mínimo

A Tabela 4 indica que a idade das mães variou de 26 anos (M3) a 37 anos (M1). Apenas M3 terminara o Ensino Fundamental, sendo que as outras duas mães não concluíram o Ensino Básico. O número de filhos por família variou de 1(M3) a 4 filhos (M2). Todas as mães eram da raça negra. A renda per capita das famílias variou de R\$ 40.00 (M2) a R\$ 140.00 (M1), sendo todas consideradas abaixo da linha da pobreza (ONU/UNDP, 1997).

No decorrer do estudo M1 ficou desempregada o que abalou a renda familiar. No entanto, no final do mesmo ela conseguiu um outro emprego também como empregada doméstica, porém, seu salário havia diminuído pela metade.

A única mãe que se encontrava desempregada (M2) no início do estudo conseguiu um emprego no final do mesmo como empregada doméstica, ganhando um salário mínimo. Além disto ela continuou fazendo faxina de forma esporádica, função que a manteve financeiramente durante o tempo em que esteve desempregada. M3, tal como M1, ficou desempregada no decorrer do estudo, e no final deste conseguiu outro emprego como recepcionista em uma empresa de vigilância.

A Tabela 5 apresenta uma descrição das principais características dos pais das crianças.

Tabela 5: Características dos pais das crianças participantes do estudo.

	Idade	Raça	Profissão	Escolaridade	Estado civil	Contribui para a renda	Mora com a mãe
Pai 1	36	Negra	Caminheiro	7ª série	Casado	Sim	Sim
Pai 2	34	Negra	Vidraceiro	5ª série	NS*	Não	Não
Pai 3	NS-	Negra	NS	NS	NS	Não	Não

*NS= Mãe não soube informar.

A Tabela 5 indica que todos os pais sobre os quais se têm informações não completaram o Ensino Básico. Tal como as mães todos os pais eram da raça negra. Apenas Pai 1 (P1) contribuía com a renda familiar, sendo, também, o único que morava com a criança, sem, no entanto, participar da intervenção.

Além das características dos participantes, foi possível na entrevista inicial, obter dados relativos à composição da família, à gestação do filho e ao respectivo histórico de violência. Uma síntese de cada uma das famílias é apresentada.

Família 1

Composição da família

A família 1 era composta por pai, mãe e três filhos, sendo o mais velho com 16 anos, uma filha de 14 anos e um menino de 6 anos (Cr1). A família morava em casa própria com três quartos, sala, cozinha e banheiro. A casa era simples, localizada em um bairro periférico da cidade, construída com material de alvenaria, e contava com infra-estrutura básica (água encanada, luz e telefone).

Gestação do filho

Durante a entrevista, a mãe relatou que a gestação de Cr1 não fora planejada uma vez que ela não queria ter mais filhos (sua última gravidez havia sido há 7 anos). Além disso, na ocasião, M1 e o marido estavam construindo sua casa (sem ajuda de pedreiro). A mãe relatou ter realizado pré-natal corretamente. Cr1 nasceu de parto cesariana, já que a mãe não conseguiu ter dilatação suficiente. A criança nasceu saudável. Após o nascimento, M1 amamentou Cr1 por 1 ano.

Histórico familiar

A família de origem de M1 era composta por pai, mãe e uma irmã mais nova. M1 relatou não ter boas recordações do pai, que era alcoolista e agredia a ela e as filhas. Disse, também, que a sua mãe era "nervosa", sendo que, às vezes, ao brincar com as filhas, sem motivo aparente, começava a agredi-las. M1 e a irmã, quando pequenas, não podiam brincar na rua, pois o pai não gostava. Quando isto acontecia e

ele ficava sabendo, o pai não só batia nas filhas como as deixava trancadas fora de casa. Nessas ocasiões, sua mãe se opunha à decisão do pai e pedia que ele as deixassem entrar em casa, sendo que, em decorrência, a própria mãe acabava sendo expulsa de casa também. M1 contou que isto aconteceu várias vezes, e em algumas ocasiões, mãe e filhas tiveram que passar a noite na rua. M1 disse que com 13 anos saiu de casa para trabalhar como empregada doméstica, pois não suportava mais morar com o pai. Relatou que na casa onde trabalhava sofreu maus tratos físicos. Após dois anos, voltara para casa para morar com a mãe e a irmã, pois o pai saíra de casa para morar com outra mulher. Aos 15 anos, M1 casou-se e foi morar com a sogra, com quem morou por 16 anos. Na ocasião da entrevista, M1 morava em casa própria que ela e o marido haviam construído. M1 relatou que o relacionamento com o marido era bom. No entanto, M1 relatou dificuldades de comunicação do casal decorrentes do fato de P1 trabalhar de madrugada, e por esse motivo não conversavam muito sobre a educação dos filhos.

Família 2

Composição da família

A família 2 era composta pela mãe, um filho de 14 anos do primeiro relacionamento, um filho de 10 anos de um segundo relacionamento (esses dois filhos moravam com a avó materna), e dois filhos de um terceiro relacionamento, sendo um de 7 anos e Cr2 de 4 anos. O pai de Cr2 encontrava-se preso por consumo e tráfico de drogas. No início do projeto, a família morava em um apartamento alugado de um cômodo. No final do estudo, a família mudou-se para uma casa de fundos também alugada, com um quarto, sala, cozinha e banheiro. A casa possuía as

necessidades básicas, para moradia, porém, não tinha móveis, (camas, mesas, cadeiras, etc.) sendo que tanto as crianças quanto a mãe dormiam no chão.

Gestação do filho

M2 contou que a gravidez de Cr2 não fora planejada, e que ela consumira drogas (cocaína) até o quinto mês de gravidez. M2 realizou pré-natal, durante o qual o médico observara que a mesma não estava ganhando peso. Aos poucos o médico conseguiu ganhar a confiança de M2. e, ao descobrir que a mesma era farmacodependente, encaminhou-a para uma instituição religiosa que a ajudou na fase final da gravidez. A criança nasceu com aparência normal, porém, com baixo peso. M2 amamentou por seis meses.

Histórico familiar

M2 relatou que teve uma infância "normal", sendo que morava com os pais e os irmãos. Sua mãe batia quando ela "aprontava". Começou a trabalhar aos 12 anos e tinha que dar todo o seu salário ao pai. Aos 16 anos começou a namorar e logo teve seu primeiro filho, mas essa relação não deu certo, pois o pai da criança consumia drogas e a estimulava a consumir também. Depois de um tempo, M2 conheceu o pai de seu segundo filho, mas tal relação também não deu certo, pois seu companheiro a agredia. Finalmente, M2 conheceu o pai de seus dois últimos filhos, com quem vivera em regime de união estável por quase 5 anos. Seu parceiro foi preso por tráfico de drogas e ela também fora presa (ajudava o parceiro levando drogas e celulares na cadeia) por um período de três meses, quando Cr2 tinha apenas alguns meses de nascido. Durante o período em que M2 esteve presa, seus filhos menores ficaram com a avó materna. M2 relatou que para ir até o presídio visitar o parceiro,

pedia carona na rodovia, sendo acompanhada pelas crianças, uma vez que o presídio ficava em outro estado. Várias vezes teve que dormir no canteiro central da rodovia, pois não conseguia carona. Há aproximadamente dois anos, M2 relatou não ter mais contato com o pai de seus filhos, pois, tal como ela relata, "ele a humilhou muito" (P2 permaneceu na prisão até o final do estudo). M2 relatou não ser mais usuária de drogas. Ela tinha um namorado, mas não estava contente com o relacionamento, pois o namorado a maltratava física e psicologicamente.

Família 3

Composição da família

A família 3, tal como a família 2, era monoparental, sendo constituída por mãe e filho. No início do estudo, M3 e Cr3 moravam em um cômodo de um bairro periférico da cidade, local que fora cedido a M3 para que o cuidasse. O cômodo possuía infra-estrutura básica e os poucos móveis existentes eram emprestados de sua irmã. Após o final do presente estudo, M3 teve que sair do cômodo, pois o dono estava precisando deste. Por esse motivo, M3 foi morar junto à irmã e um irmão em um bairro de classe média, porém, a casa era simples e com pouca infra-estrutura.

Com relação à sua família de origem, M3 relatou que sua mãe morreu quando ela nasceu. Seu pai não tinha condições de criar uma criança sozinho, dando-a a uma prima. M3 relatou que sua mãe adotiva a tratou muito bem, "até melhor do que os próprios filhos", dando-lhe sempre o melhor que podia oferecer.

Gestação do filho

M3 relatou que a gravidez de Cr3 não foi planejada e que escondeu a gravidez de sua mãe adotiva e do pai de seu filho até que Cr3 nasceu, tendo que para

isso, morar em outra cidade. No início da gravidez, M3 decidiu que doaria a criança assim que essa nascesse. Porém, a criança nasceu com dificuldades respiratórias e teve que ficar na UTI. M3 relatou que, ao ver a criança indefesa e frágil, desistiu de dá-la para adoção. Disse, também, que sua mãe deu apoio ao bebê, e que se arrependeu de não ter contado antes à mãe sobre a gravidez. Com relação ao pai da criança, este ficou sabendo da existência do filho após o nascimento da criança vindo a conhecê-lo quando Cr3 tinha 8 meses de idade. O pai não voltou a ver a criança desde então.

Histórico familiar

M3 morava com a sua mãe e pai (adotivos) e os 6 filhos do casal. Todos os irmãos adotivos de M3 eram mais velhos do que ela, e esta relatou que sempre teve um bom relacionamento com os mesmos com quem tinha brigas "normais". M3 informou que apanhava dos pais quando fazia bagunça, mas nunca fora espancada, nem tampouco sofreu outro tipo de violência.

B. Desempenho das crianças em Testes Normativos

A Tabela 6 a seguir ilustra o desempenho das crianças no WISC.

Tabela 6. Dados obtidos pelas crianças no WISC

Criança	Verbal	Execução	Total	Percentil	Variação	Classificação
Cr1	71	83	65	6	72-82	Limítrofe
Cr2	91	85	87	25	85-96	Médio
Cr3	75	110	91	31	88-99	Médio Superior

Cr3 obteve a melhor classificação (Médio superior) e Cr1 a menor pontuação, (Limítrofe). Cr2, que teve um desempenho médio, foi a única criança cujo desempenho na área de execução foi inferior à área verbal. Em contraste, Cr1 e Cr3

tiveram um desempenho inferior na área verbal. Os resultados de Peabody (PPVT) confirmaram a tendência acima, pois Cr2 obteve o melhor desempenho na área da linguagem receptiva.

C . Professoras

Em decorrência da entrevista inicial com as professoras foi possível coletar os dados apresentados na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7. Caracterização das professoras.

	Criança 1		Criança 2		Criança 3	
	P1a	P1b	P2a	P2b	P3a	P3b
Raça	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Tempo de serviço	14	8 anos	15 anos	18 anos	22 anos	10 anos
Tempo na Escola	1	2 anos	9 anos	6 meses	1 ano	6 meses
Maior preocupação com o aluno	Agressividade	Alfabetização e agressividade	Agressividade	Agressividade	Agressividade	Medo de perder o vínculo

Durante o estudo as professoras foram, substituídas sendo que P2a e P3a pediram transferência da escola no início do estudo devido aos comportamentos agressivos das crianças. As professoras antes da substituição serão descritas como Pa e as substitutas serão descritas como Pb

As duas professoras que pediram transferência da escola tinham de 14 a 22 anos de experiência e tal como relatado por P3a “ *em mais de 20 a anos de ensino infantil nunca vi tanta agressividade nas crianças*”. Por esse motivo a mesma pediu remoção da escola, embora morasse a cinco quarteirões da mesma.

2. Resultados da intervenção

A. Observação dos comportamentos agressivos das crianças

A Figura 1 a seguir apresenta a frequência de comportamentos agressivos das crianças nas sessões de observação na escola.

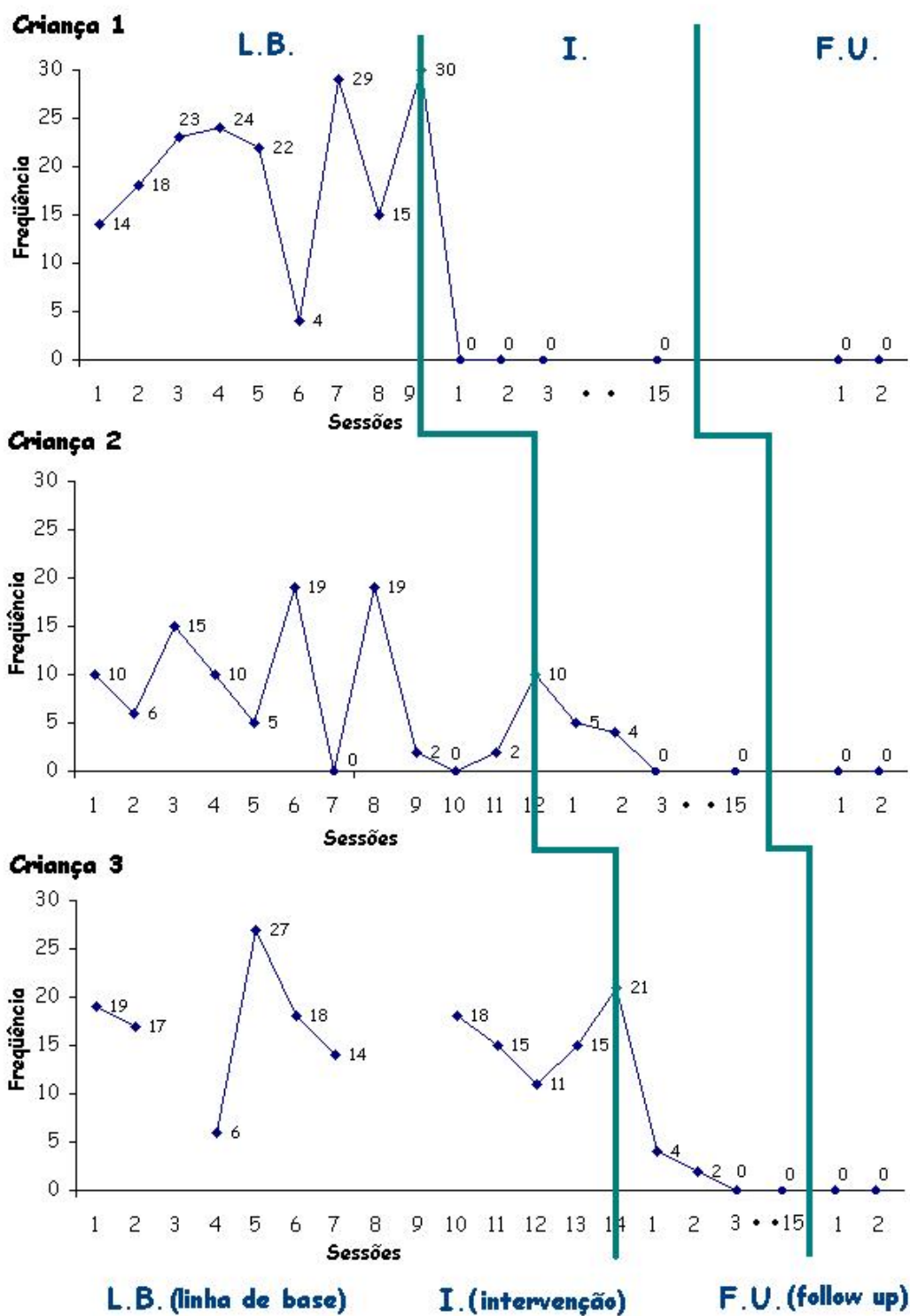


Figura 1. Registro da frequência de ocorrência de comportamentos agressivos das crianças durante a observação na escola ao longo das fases do estudo.

Observa-se na Figura 1 que a Cr1 teve nove sessões de observação na fase de linha de base, fase em que apresentou uma média de 19,8 agressões por sessão, sendo 30 agressões o número máximo (sessão 9) e 4 o número mínimo. É importante mencionar que na sessão em que a criança apresentou poucos comportamentos agressivos (sessão 6), a sala encontrava-se aos cuidados de uma professora substituta que mantinha a porta trancada e apresentava freqüentemente contingências positivas (elogios, por exemplo) aos alunos. Com relação à sessão com o maior número de comportamentos agressivos, a criança encontrava-se bastante dispersa, não conseguindo ficar na sala de aula, saindo e praticando agressões em outras salas de aula.

Cr2 teve 12 sessões de observação durante a linha de base, com uma média das agressões de 8,16 por sessão, sendo o número mínimo igual a 0 (sessão 7 e 10) e o máximo 19 (sessão 6 e 8). Na sessão em que Cr2 não apresentou comportamentos agressivos (sessão 7) foi relatado que momentos antes da pesquisadora realizar a observação, Cr2 havia chutado inúmeras vezes a porta da sala de aula, empurrando cadeiras e mesas nas crianças, falando palavrões tanto para as crianças quanto para a professora.

Cr3 teve 11 sessões de observação durante a linha-de-base, (nas sessões 3, 8, 9, e 10, a mesma faltou à escola). A média de agressões de Cr3 foi de 12,92 por sessão, sendo a freqüência mínima de 6 agressões (sessão 4) e a máxima de 27 agressões (sessão 5). Cabe mencionar que na sessão em que Cr3 apresentou maior número de agressões (sessão 5), ela olhava para pesquisadora antes e depois de cada agressão.

Com relação ao desempenho da criança após a linha de base, observou-se que as crianças diminuíram o número de agressões após o início de intervenção. Entretanto, as professoras mencionaram que as crianças não agrediram, por estarem sob controle de estímulos da presença da pesquisadora que passou a ser conhecida das crianças por conduzir as intervenções. As professoras relatavam que, no geral, depois que a pesquisadora saía da sala, a criança agredia novamente.

A fidedignidade da observação dos comportamentos agressivos das crianças foi realizada apenas na linha de base em aproximadamente 30% das sessões, resumindo duas sessões para Cr1, três sessões para Cr2 e quatro sessões para Cr3, dando uma média de 85.3% nas nove sessões observadas.

Durante a fase de observação, Cr2 e seu irmão apresentavam hematomas sérios pelo corpo, indicativos de espancamento com objeto semelhante a uma mangueira. Foi perguntado para as crianças o que tinha acontecido e as mesmas responderam *"a mãe bateu em nós porque estávamos brigando"*. As professoras ficaram constrangidas e comentaram que não foi a primeira vez que as crianças apresentaram marcas no corpo. A pesquisadora comentou este acontecimento com a diretora da escola e a mesma confirmou o relato das professoras, porém, não tomou nenhuma atitude. Após reflexão e ponderar as diversas conseqüências, a pesquisadora realizou uma denúncia anônima ao Conselho Tutelar, sendo aberto um processo de M2. Como parte de tal processo M2 foi intimada a comparecer à audiência com o Juiz da vara da Infância e da Juventude.

A pesquisadora explicou para M2 a função do Conselho Tutelar agência cujo objetivo principal é zelar que os Direitos das Crianças e dos Adolescentes sejam cumpridos e fornecer suporte aos pais ou cuidadores, que enfrentam dificuldades

com seus filhos, pois M2 temia que o Conselho iria impedi-la de continuar com as crianças.

A pesquisadora acompanhou M2 à audiência, como forma de apoio, pois a mesma estava nervosa e preocupada acreditando que perderia a guarda de seus filhos. Durante a audiência a pesquisadora pediu a palavra e informou a Juiz que M2 estava participando de um projeto de intervenção no qual recebia ajuda e orientações de praticas parentais. Ao finalizar a audiência, o Juiz Pediu para M2 se acalmar, e baseado nas necessidades econômicas citadas pela mesma emitiu decreto para que passasse a receber uma cesta básica.

B. Dados coletados durante a intervenção com as mães.

Durante as sessões de intervenção com as mães, foram registrados os principais estressores que as famílias enfrentaram nas semanas no decorrer da intervenção.

A Tabela 8 a seguir apresenta uma síntese dos estressores enfrentados pelas famílias.

Com relação à Família 1, os principais estressores estavam relacionados ao relacionamento e educação dos filhos, sendo o maior estressor o espancamento de Cr1 pela mãe, deixando-a deprimida e com pensamentos suicidas, tal como relatou em carta à pesquisadora na qual pedia ajuda:

"Hoje eu estou muito triste espanquei meu filho menor. Sabe eu estou muito estressada aconteceu e esta acontecendo muitas coisas ruins na minha vida.....Eu não agüento mais, hoje então foi a gota de água fiquei tão nervosa que bati tanto no meu filho, depois peguei

a faca se não fosse a minha filha acordar não sei que tivesse acontecido. ...Sabe o que balança mais meu casamento é essa mania que meu marido tem de me estuprar quando ele faz isso peso que não se repita ele jura que nunca mais vai fazer mais torna a fazer...." (O Anexo 15 apresenta uma cópia da carta em sua íntegra.)

Em função da gravidade do estado emocional de M1 sugerindo um estado depressivo, a pesquisadora a encaminhou para terapia psicológica e avaliação psiquiátrica no sentido de avaliar uma possível necessidade medicamentosa. No entanto, M1 alegou não ter tempo, e que naquele momento não teria condições para pensar nisso. O nome de M1 continua na lista de atendimentos do LAPREV e a pesquisadora reiterou recentemente a necessidade de terapia à M1.

Com relação a Família 2, a falta de alimentos, o aluguel da casa e falta de condições financeiras para pagar as contas de energia elétrica e de saneamento foram os principais estressores. Em relação à conta da energia elétrica ser tão alta, a pesquisadora e M2 se dirigiram até um telefone público, e a pesquisadora ligou para a companhia local para indagar o que poderia ser feito, uma vez que M2 não tinha condições de pagar uma conta tão alta. O atendente perguntou se a mesma estava inserida em algum programa assistencial do governo e ao obter resposta afirmativa, respondeu que ela poderia pagar menos, para isto precisaria entrar em contato com a Secretaria de Cidadania e Promoção Social e novamente com a companhia de eletricidade. M2 relatou ter ficado feliz com a iniciativa, indagando o que poderia ser feito para diminuir a sua conta de saneamento básico.

Tabela 8. Indicação dos principais estressores relatados pelas mães durante a intervenção

Estressores	M1	M2	M3
1ª semana	-	Mudou-se de casa, pois não suportava mais os vizinhos	-
2ª semana	-	M2 perdeu o emprego, não tendo dinheiro para pagar o aluguel	
3ª semana	O marido perdeu o emprego. M1 foi trabalhar como empregada durante o dia e, de noite, como cozinheira num restaurante.		
4ª semana	A filha foi expulsa da escola. O filho foi suspenso e CR.1 continuava agredindo na escola	Não tinha gás para preparar os alimentos	Precisou entregar a casa onde mora e não tinha lugar para ficar.
5ª semana	A filha foi detida pela polícia e levada para o NAI*	Viu Cr2 agredindo na escola, bateu nele na frente dos amigos e das professoras	A patroa diminui o dias de trabalho e M3 passou a ganhar menos. Não tinha dinheiro para levar Cr3 na escola, estava pensando em mandá-lo sozinho
6ª semana	M1 Espancou Cr1.	Bateu muito no filho de 7 anos	Não precisa mais sair da casa, mas tinha que pagar aluguel e estava desempregada.
7ª semana		O filho mais velho de M2 tentou agredi-la com um martelo.	Continuava desempregada, e precisou de uma fonoaudiologia para o filho
8ª semana	Cr1 foi suspenso da escola por um dia, por agressão a um colega de sala	Cr2 foi detectado com sarna, sendo afastado da escola .Mãe relatou não ter comida	Teve que sair da casa. até o final do mês.
9ª semana	Cr1 agrediu, e foi suspenso novamente	A família continua sem alimentos. Precisa pagar a conta de energia elétrica que veio 500% mais do que no mês anterior . Continuava sem comida	Precisou arrumar um advogado para não sofrer ação de despejo.
Visita emergencial	M1 ficou muito deprimida e pensou em matar Cr1		
10ª semana	O filho realizou ligações para o tele-sexo e a		Tinha que sair da casa, pediu um

	conta telefônica veio 300% mais cara.		empréstimo para o cunhado.
11ª semana	-	Teria que deixar Cr2 em casa sozinho pois não tinha com quem deixa-lo	O cunhado teve uma emergência na família, e viajou para outro estado com o dinheiro que estava destinado para ela terminar de construir sua casa.
12ª semana	O filho foi para o NAI, por não frequentar a escola	-	
Visita emergencial	Professora avisou que CR1 teria que mudar de período devido a seu comportamento inadequado		

*NAI= Núcleo De Atendimento Integrado de São Carlos

Em decorrência das necessidades econômicas enfrentadas por M2 foram realizados encaminhamentos para a Secretaria da Cidadania e Promoção Social com o objetivo de conseguir alimentos (cestas básicas), inserção em programas comunitários, bem como encaminhamentos para médicos e instituições que forneciam ajuda para a população carente.

A maior dificuldade enfrentada pela família 3, segundo a Tabela 8, estavam relacionadas à falta de moradia e o desemprego da mãe, que era a única provedora do lar. Tal como no caso de M2, foram realizados encaminhamentos para assistência social, com o intuito de realizar uma avaliação sócio-econômica da família e, a partir disso, inseri-la em um dos programas assistenciais do governo.

Resultados obtidos na Escala de Empoderamento da Família (FES)

Os resultados das mães na Escala de Empoderamento da Família encontram-se sumarizados na Figura 2.

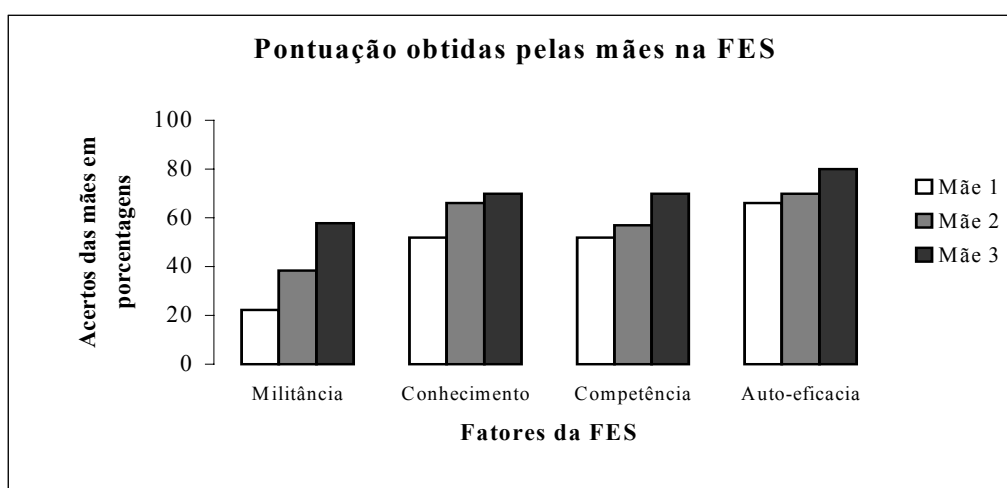


Figura 2. Desempenho das mães na Escala de Empoderamento da família (FES).

A Figura 2 ilustra que o fator “Auto-eficácia” foi o que apresentou maior pontuação por todas as mães (o escore variou de 66 a 80%). Já os fatores “conhecimento” e “competência” obtiveram pontuações similares, entre 52 e 70%. Finalmente, o fator militância foi o que apresentou menor número de acertos por todas as mães entre 26.22 e 57.77%.

A Escala de Empoderamento da Família (FES) foi utilizada no estudo apenas de forma exploratória uma vez que o instrumento foi aplicado só uma vez. É importante destacar que o fator com menor pontuação foi o fator militância ou seja as mães se sentiam menos empoderadas quanto ao seu grau de militância política, tais dados não foram surpreendentes já que o Brasil não tem tradição neste fator, devido a sua historia recente de democratização. Por outro lado, as respostas apresentadas pelas mães devem ser analisadas com cautela, pois tal como descrito por Williams e Aiello (2003), "há uma tendência nas famílias de inflar a avaliação de seus desempenhos, considerando-se mais empoderadas do que aparentam ser no dia a dia". (p.9).

C. Professoras

Os dados obtidos na Tabela 9 a seguir constituem uma síntese do auto-relato das professoras sobre o desempenho escolar das crianças

Observa-se na Tabela 9, que houve consenso no relato das professoras a e b, para as crianças 1 e 2, o que não aconteceu em relação aos relatos da criança 3. No caso de Cr3, a professora b assinala que a criança não apresentou comportamentos agressivos, sendo tal criança “carinhosa”. Nota-se que as professoras de Cr2 e Cr3 notaram hematomas indicativos de violência doméstica, porém, não houve denúncia ao Conselho Tutelar.

Tabela 9:Auto relato das professoras sobre o desempenho escolar das crianças.

Preocupações	Criança 1		Criança 2		Criança 3	
	P1 a Dez/02	P1b Mar/03	P2 a Dez/02	P2b Abril/03	P3 a Dez./02	P3 a Abril/03
Início dos problemas de agressividade	Quando estava na sala de "cinco anos"	A partir do Segundo mês de aula	Desde o início do ano	Desde o início do ano	Depois das férias da metade do ano	No início do ano
Os problemas mencionados persistem?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Desempenho acadêmico do aluno	Não tem interesse pelas aulas	Regular	Normal	Normal	Excelente	Participativo, interessado
Preocupações adicionais em relação ao aluno	a agressividade	Melhorar o comportamento e a concentração	Não consegue negociar com ele.	Agressividade	Falta de carinho e atenção por parte da Mãe	Precisa de carinho, mas fica testando.
Aspectos positivos do aluno	Participativo	Presta atenção, é carinhoso	Carinhoso, amoroso	Carinhoso	Bom	Ele está muito bem, carinhoso.
Observou em seu aluno hematomas, queimaduras ou arranhões?	Não	Não	Não	Sim	Sim	Não
Se, sim o que fez?	-	-	-	Falou para a direção	Conversou com a mãe	-
Intimida ou agride as outras crianças?	Sim, freqüentemente	Não	Sim	Sim	Sim	Não
Discute muito?	Algumas vezes enfrenta as professoras e funcionários	Algumas vezes	Sim	Sim	Sim	Não
Mete-se em brigas?	Sim	Algumas vezes	Sim	Sim	Freqüentemente	Não

III. Avaliação de programa de intervenção pelos participantes

A Tabela 10 apresenta uma síntese das respostas das crianças na entrevista final. As três crianças participantes relataram ter gostado da intervenção e acreditavam ter na algum problema escola

A Tabela 11 apresenta uma síntese das respostas das mães na entrevista final da avaliação.

Pode ser observado na Tabela 11 que, em todos os casos, as mães afirmaram que o projeto as ajudou a lidarem com seus problemas e com a agressividade de seus filhos, assim como as ajudou a repensar formas alternativas de educação. As mães classificaram o projeto de “bom” a “excelente” e na somatória dos pontos de 0 a 10 foi obtido uma média de 9,6. para as três mães.

A Tabela 12 apresenta uma síntese das respostas das professoras à entrevista final.

Examinando-se as respostas das professoras pode-se concluir que em dois casos avaliaram as crianças como continuando a apresentar comportamentos agressivos no final da intervenção. No entanto, tudo indica que mudanças significativas de comportamento na sala de aula, as professoras passaram a descrever mais aspectos positivos das crianças, classificando o projeto de “bom” a “excelente”.

IV. Follow up

Crianças

Tal como mostrado na Figura 1, as três crianças participantes não apresentaram comportamentos inadequados e tampouco agrediram seus colegas, na presença da pesquisadora, durante as sessões de *follow-up*.

Mães

Na visita de follow-up, todas as mães relataram sentir falta da intervenção e da pesquisadora. M1 disse "*as coisas estão andando*", Cr1 estava interagindo mais, mas, "*não fica quieto*". Realizou um acordo com o mesmo, ele poderia ir à escola sozinho, pois parara de agredir seus companheiros de sala.

Cabe ressaltar que Cr1 pediu à mãe para ir sozinho á escola, mas M1 não deixava com medo de que alguma coisa acontecesse. Porém, M1 aceitou tal sugestão como prêmio por Cr1 ter parado de apresentar agressões. Após algumas semanas, Cr1 voltou a apresentar comportamentos inadequados, (desta vez perturbando na sala de aula e desobedecendo a professora). No entanto, Cr1 continuou indo para escola sozinho, pois segundo a mãe continuava sem apresentar agressões.

M1 estava preocupada, pois Cr1 ainda não estava lendo, e demorava bastante para fazer a lição. Alegava não ter paciência para ensiná-lo. Nas duas últimas semanas de aula Cr1, foi transferido para uma sala de aula de Educação Especial, pois, não estava acompanhando as aulas regulares, precisando de maior atenção e cuidados para ser alfabetizado. M1 relatou que durante o tempo em que ele frequentou a sala de Educação Especial não houve reclamação, pelo contrário, a professora, as inspetoras e até as ajudantes da escola estavam satisfeitas com o comportamento de Cr1.

Em relação a M2, essa encontrava-se na ocasião *do follow-up* com emprego (empregada doméstica) ganhando um salário mínimo e continuava realizando

faxinas. Com o aumento da renda, M2 conseguiu comprar alguns móveis (cama, guarda roupas e sofá) e uma TV. A respeito das crianças, M2 relatou que a relação com as mesmas havia melhorado, diminuindo as agressões físicas e colocando-as de castigo, e só de vez em quando dando um "tapinha".

Tal como M2 no final do estudo, M3 estava empregada, trabalhando como recepcionista de uma empresa de vigilância. Ganhando quase dois salários mínimos, recebia sexta básica e vale transporte da firma. Com esse emprego, M3 conseguiu matricular Cr3 para cursar a primeira série do Ensino básico no Serviço Social da Indústria (SESI), pois conforme o relato: *“Pretendo dar uma melhor educação e futuro para Cr3”*.

M3 relatou que Cr3 estava bem, mas que precisava ser firme com ele. Disse que não o agredia mais. Informou que Cr3, apresentava um ótimo comportamento na EMEI, mas na creche ele estava terrível, pois as professoras constantemente reclamavam de seu comportamento inadequado. Disse não entender por que na EMEI ele era uma criança e na creche outra. M3 conversou com a professora da creche, pedindo-lhe mais firmeza com a criança. M3 relatou que houve um pequeno acidente com Cr3 quando esse voltou para casa da creche com um ferimento na cabeça. Ao ser perguntado o que tinha acontecido, Cr3 respondeu *“a Tia me jogou para longe no colchão”*. Diante dessa resposta, M3 dirigiu-se á creche e pediu para a professora explicar o incidente. Essa relatou que não havia percebido que Cr3 estava dormindo no colchão, jogando o colchão para o outro lado da sala, e só percebera que tinha uma criança no mesmo quando ouviu um grito. Como consequência deste incidente, Cr3 ficou com uma cicatriz na cabeça. A professora pediu desculpas para M3, afirmando que incidentes como esses não voltariam a acontecer.

Tabela 10. Sínteses da entrevista final com as crianças.

	CR1	CR2	CR3
O que você acho de nosso trabalho	Bom, era legal	Legal, por que a tia deu trabalho para eu fazer.	Feliz
O trabalho ajudou você em alguma coisa	Ajudou, sim	Ajudou	Não sei
Se sim, em que		Para eu catar os brinquedos	
Se não em que poderia ter ajudado			
Do que você gostou mais?	De montar os quebra-cabeças	De brincar	Do quebra-cabeças, dos jogos, Quando a outra tia veio.
Do que você gostou menos?	De escrever na louça, era difícil.	O cavalo era difícil de montar	Nada
O que poderia ser diferente	Nada	Nada	Nada
Você acha que tem algum probleminha na escola	Sim , fazer lição	Sim, o Bruno fica me infernizando.	Não
Tem alguma coisa que você gostaria de fazer e não foi feito?	Não sei	O trem	Parar de ficar muito bravo, porque se não, não faço à lição

Tabela 11. Síntese da entrevista final com as mães

	M1	M2	M3
Qual foi o motivo para participar do projeto?	Para poder ajudar o filho	Para tentar melhorar, não ser mas agressiva com meus filhos.	Porque precisava para ver se melhorava o comportamento dele
Que problemas você apresentava no início do projeto?	As brigas do Cr1 na escola	Falta de emprego, agressiva com as crianças, para mim nada estava bom.	Violência, agressividade
Alguns desses problemas foram superados, quais, em que medida	Não tudo, mas em 50%	Sim, consegui emprego, melhorei com meus filhos, não bato agora deixo de castigo	Sim, a ser menos agressivo a ter maneiras
O projeto ajudou a lidar com suas dificuldades?	Ajudou, e como !	Ajudou, sim	Sim.
O trabalho ajudou a enfrentar com mais eficiência seus problemas?	Não sei	Ajudou a não bater, a por de castigo e não deixar de faltar as coisas em casa.	A pensar antes de fazer
O Trabalho realizado contribui para pensar sobre?	Pensar nas coisas	Na educação de meus filhos	Era diferente de tudo o que eu sabia
Numa escala de 0 a 10 dei uma nota ao projeto?	9	10	10
Como classificaria o projeto?	Bom	Excelente, porque: que psicóloga vai na casa da gente?	Excelente
Por que?	Me ajudou até com meus problemas.	Você é muito boa, se preocupa com a gente	Me ajudou muita na educação dele.
Sugestões	Nada, pois até com meus problemas você me ajudou	Nada, tudo nós fizemos	Nenhuma pois você se acoplou a todas minhas necessidades

Tabela 12. Sínteses da entrevista final com as professoras

	Prof1	Prof2	Prof3
Que problemas seu aluno apresentava no início da intervenção ?	Nos dois primeiros meses de aula ele foi bem	Agressividade	Não respeitava, desafiava, fazia pouco caso, bastante agressivo.
Estes problemas continuam?	Sim	Sim	Não
O que mudou depois da intervenção?	Ele começou a realizar a lição	Tem dias que muda e outros não	Brinca melhor, menos agressivo, consegue dividir , não é fácil. Tem maior controle em situações de stress ou agressividade
Aspectos positivos	"Com você ele é outra pessoa, calma, tranqüila , ele encontra apoio em você."	Amoroso	É difícil de responder, mas agora temos mais afinidade
Aspectos Negativos	Ele precisa de muita atenção se ficar do lado dele, ele vai mas se ninguém o ajudar ele fica"	Agressividade	Não há
Classificação do projeto	Excelente	Excelente	Bom
Por quê?	Porque ele muda, encontra apoio na pesquisadora.	Apoio, assistência	Porque sempre precisamos continuar nos esforçando .
Sugestões	-	Não sabe dar, "tudo o que eu poderia propor você fez".	Trabalhara com as crianças que estão em volta a ele.

Professoras

As professoras de Cr2 e Cr3, no *follow-up*, confirmaram que as crianças "melhoraram" significativamente após intervenção, já que conversavam mais com elas e prestaram maior atenção. As professoras relataram que as crianças cumpriam os castigos impostos pelas mesmas. Assinalaram, também, que o relacionamento com os colegas de sala de aula havia melhorado consideravelmente, pois esses solicitavam a professora quando acontecia algum mal entendido, ou quando não conseguiam resolver algum problema "*Olha tia, ele tirou meu lápis, vou bater nele tia*", ao invés de agredir primeiro e se explicar depois como faziam no passado.

A professora B de Cr2 comentou que a criança melhorou, mas que as vontades da criança tinham que ser satisfeitas, pois do contrario ele chorava e não obedecia, jogando-se no chão e falando muitos palavrões. A professora B de Cr3 relatou que a criança melhorou muito, que era um ótimo aluno e quando estava realizando a lição não levantava da cadeira até terminar sua tarefa. Relatou também, que no último mês de aula, Cr3 ficou irritado apresentando distúrbios de comportamento na sala de aula. Quando a Prof. perguntou o que estava acontecendo Cr3 respondeu "*minha mãe falou que eu só vou ver meu pai quando tiver 10 anos*". A Prof.3 não soube o que responder a respeito do assunto, pois a mesma acreditava que Cr3 não tinha pai. Porém, respondeu a Cr3 ele que ele não precisava ficar bravo com ela e tampouco com seus companheiros de sala de aula. Após a explicação, Cr3 acalmou-se, sentando-se em um canto da sala, sem agredir os colegas, e voltando às orientações da professora.

Cabe mencionar que em umas das sessões de *follow-up*, houve um acontecimento dentro da sala de aula, (antes da pesquisadora chegar na escola) no

qual Cr3 respondeu agressivamente à professora e não quis realizar a lição. Por este motivo, Prof. 3 o deixou de castigo (não poderia desenhar). Após a chegada da pesquisadora, Prof. 3 relatou o acontecimento e pediu para a pesquisadora conversar com a criança. A pesquisadora levou a criança para outra sala de aula e questionou Cr3 sobre o que o levou a se comportar daquela forma. Este respondeu: “*O Luís falou que meu desenho era feio, então não vou fazer mais*”. Depois da conversa com a pesquisadora, Cr3 voltou para a sala de aula e pediu desculpas para a Prof. Após o pedido de desculpas essa o autorizou a continuar fazendo desenhos tal como as outras crianças. Ao terminar de realizar suas tarefas (desenhar), Cr3 fez um desenho para pesquisadora .

Discussão

O objetivo desse estudo consistiu em avaliar um programa de intervenção com crianças pré-escolares agressivas, dirigido a pais e professores, com o intuito de reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados.

Durante a intervenção com as crianças, a pesquisadora apresentou um modelo positivo (relacionamento afetuoso, respeitoso), ignorou os comportamentos inadequados das crianças e reforçou os comportamentos adequados, ensinando novas habilidades sociais. Tal procedimento resultou na eliminação do comportamento agressivo da criança na presença da pesquisadora, tal como observado na Figura 1. Entretanto, em apenas um dos três casos houve generalização para a sala de aula, ou seja apenas Cr3 também passou a se comportar de forma não agressiva diante da professora.

Tal falta de generalização está, possivelmente, associada às dificuldades das professoras em sala de aula, à falta de manejo em lidar com comportamentos agressivos, carência no estudo de um procedimento mais intensivo e eficaz para melhorar o repertório de interação com os alunos por parte das professoras, somadas aos inúmeros estressores enfrentados pelas famílias. Dentre os estressores mencionados cabe salientar a falta de condições adequadas do nível sócio-econômico (carência de alimentos e de moradia adequada), disciplina exagerada e falta de uma boa rede de apoio.

Se o ambiente em que a criança se desenvolve for coercitivo e não sofrer mudanças, a criança continuará a se comportar da mesma forma. Isto confirma a afirmação de Holland (1978): "O comportamento é resultado de contingências e

mudanças de comportamento duradouras e envolvem alterações de contingências que dão origem ao comportamento e o mantêm (p. 3).

Durante as visitas domiciliares com as mães participantes foram identificadas várias dificuldades enfrentadas pelas famílias. No caso da Família 1, faltou aos pais habilidade e controle para lidarem com seus filhos. Por exemplo, M1 relatou não poder assistir televisão quando os três filhos estavam na sala, "*cada um deita em um sofá e não tem lugar para mim*". Relatou, também, que a filha mentia para ela e não a obedecia. Outro fato apontado por M1 diz respeito à falta de supervisão do filho mais velho, já que o mesmo realizou várias ligações para o tele-sexo sem autorização dos pais e, como consequência, a conta telefônica foi 300% mais cara. O relato de M1 reafirma os dados de estudos anteriores (Barnett, 1997; Hood, 2001 & *Prevention of Youth Violence*, 2001; Bolsoni-Silva & Marturano 2002) que sustentam que pais de crianças com comportamento agressivo são ineficazes e inconsistentes por possuírem um monitoramento pobre, disciplina excessiva e supervisão inadequada.

Outra dificuldade da Família 1 diz respeito ao relacionamento do casal. O marido de M1, era caminhoneiro, trabalhava de madrugada e os horários não coincidiram com a presença da mulher em casa, o que dificultava o relacionamento do casal, tornando-se mais um estressor na família. Tal fato condiz com a afirmação de Santos e Marturano (1999), no sentido que a dificuldade de relacionamento do casal é uma variável que aumenta a vulnerabilidade das crianças com problemas na aprendizagem.

No início da intervenção, um fato importante a respeito de M1 refere-se a ela não se sentir a princípio confortável para conversar com a pesquisadora sobre suas necessidades e dificuldades. Porém, M1 foi, aos poucos, ganhando confiança para

relatar suas dificuldades, o que pode ser evidenciado no registro semanal dos estressores (conforme Tabela 7). Nas primeiras sessões M1 não sinalizava estressores e no decorrer da intervenção passou a fazê-lo. A carta de M1 no final do estudo solicitando ajuda é um exemplo nítido de relação de confiança que esta estabeleceu com a pesquisadora. (Ver Anexo 14).

No decorrer da intervenção, alguns fatos aconteceram com relação a P1 que merecem ser destacados. Nos dias em que a pesquisadora realizava a sessão domiciliar, P1 chegava tarde do trabalho aparentemente para evitar encontrar-se com a pesquisadora. Tal fato foi confirmado por M1 que disse: "*ele tem vergonha de você*". M1 relatou que gostaria que P1 participasse das sessões, mas tal como relatado por M1, ele nunca quis participar. A pesquisadora e M1 chegaram a combinar que não seria relatado a P1 o dia em que a pesquisadora iria fazer a sessão domiciliar de forma a facilitar o contato. Porém, nas poucas vezes em que isto aconteceu, P1 entrou em casa pela porta dos fundos ou, saudou a pesquisadora, entrando rapidamente em seu quarto, de onde não saiu mais.

O fato de P1 ser um agressor conjugal que praticava violência sexual contra sua mulher o caracteriza como um sério fator de risco para desenvolvimento saudável dos filhos. Tal dado nos remete ao trabalho de Maldonado (2003) o qual constatou que famílias com graus severos de violência têm maior probabilidade de terem meninos agressivos.

M1 relatava que as tarefas de casa propostas pela pesquisadora eram difíceis de serem realizadas, uma vez que ela as cumpria, mas P1 achava que "*não era preciso explicar tantas coisas para a criança*". Desta forma, o que seria um fator de proteção, já que Cr1 era a única criança que estava inserida em um lar com ambos os

genitores (Guralnick, 1998; Williams & Aiello, 2001), tornou-se uma dificuldade a ser transporta, devido a pouca abertura por parte do pai em participar da intervenção e de seu comportamento agressivo à M1.

Com relação à Família 2, é importante comentar o caso de saúde de Cr2 que contraiu sarna na creche e foi suspensa (da escola e da creche) por 15 dias. Durante o período em que ficou em casa com a mãe, surgiram outras dificuldades decorrentes da falta de alimentos, pois não havia comida para a criança, bem como a impossibilidade de M2 realizar trabalhos esporádicos (faxinas) por ter que cuidar da criança. Cabe mencionar que os problemas relacionados à falta de alimentação não aconteceram apenas durante tal período. Observou-se que a família inúmeras vezes comia apenas fubá, ou alimentava-se exclusivamente na escola, ou seja as crianças faziam todas as refeições na escola e a mãe ficava sem comer.

Em uma das visitas domiciliares, M2, mostrou à pesquisadora, com lágrimas nos olhos, um pacote de arroz cheio de bichos que havia ganhado de uma vizinha relatando *"eu não mereço comer isto, né?"* Vendo a gravidade das situação em que M2 se encontrava, a pesquisadora levou alimentos de sua própria despensa para a família, e em seguida, realizou uma arrecadação de alimentos com os demais pesquisadores do LAPREV e com seus conhecidos. Posteriormente a pesquisadora dirigiu-se à Secretaria da Cidadania e Promoção Social, com o intuito de agendar uma entrevista com a assistente social. M2 realizou tal entrevista, explicando sua situação. Em decorrência, esta passou a receber uma cesta básica, recebendo também uma ajuda financeira para auxílio no sustento da família. Cabe enfatizar que a situação de pobreza na qual M2 se encontrava apresenta sérios riscos para o

desenvolvimento da criança (Gurlanick ,1998; Papalia & Olds, 2000 Baraldi & Silvaes, 2003).

Além dos problemas citados, M2 apresentava dificuldades de relacionamento e de controle do filho mais velho, embora esse não morasse com ela. M2 relatou que tal filho a maltratava psicologicamente, ameaçando-a de destruir suas posses, sendo que em diversas ocasiões tentou agredi-la (o incidente mais grave foi quando tal filho a ameaçou com um martelo). M2 relatou que não sabia o que fazer com o filho e que *"um desses dias poderia acabar matando-o"*. Após estas verbalizações, a pesquisadora mostrou formas alternativas de não agressão, sugerindo procurar ajuda ao Conselho Tutelar da cidade, ou a programas assistências para jovens carentes.

No caso da Família 3, os estressores estavam relacionados à falta de moradia e falta de estabilidade no emprego de M3. No entanto, pelo fato de a mesma ter uma rede de apoio maior do o que as demais mães (sua família de origem), além de ter maior escolaridade, foi relativamente mais fácil para ela enfrentar suas dificuldades.

As sessões de intervenção com as mães, professoras e alunos teve uma duração maior do que esperado, devido aos inúmeros imprevistos que aconteceram do decorrer do estudo. Embora a intervenção fosse realizada nas casas de duas das famílias, muitas vezes aconteciam desencontros com a pesquisadora, devido ao fato de as mães terem compromissos. Isso ocorreu inúmeras vezes com M2 que realizava faxinas, precisando alterar os dias de trabalho sem aviso prévio ou nos dias em que a mãe relatava estar com outras dificuldades, tal como falta de comida, problemas com os filhos, etc. Por esse motivo, no decorrer da intervenção as sessões com as mães eram marcadas no início da semana de forma que pudessem ser remarçadas ainda na mesma semana.

Ainda por estes motivos não foi possível aplicar a FES após a intervenção, já que a pesquisadora acabou tendo que se ocupar com inúmeras atividades de apoio à família, dado a gravidade dos estressores pelo quais as famílias passavam.

Com relação às professoras, essas sempre estiveram dispostas e prontas para participar da intervenção, porém, em dias de chuva ou de projeto pedagógico, as sessões eram remarçadas. Durante as sessões de observação e registro dos comportamentos agressivos das crianças foi observado que as professoras enfrentavam sérias dificuldades para lidar com os comportamentos agressivos de seus alunos. Tais dificuldades foram decorrentes, tanto da falta de preparo para lidar com crianças com necessidades especiais, quanto do número excessivo de crianças em sala de aula, dificultando a atenção individual que a criança com comportamentos agressivos precisaria ter. Tal como assinalado por Silva (2000), se o ambiente não estiver preparado para suprir as necessidades das crianças, os problemas de comportamento tendem a aumentar em frequência e identidade. Soma-se a isso as dificuldades de aprendizagem dos alunos, tais como, diferenças no ritmo de aprendizagem, dificuldades de concentração e dispersão das mesmas que possivelmente contribuíram para aumentar as dificuldades das professoras.

A Professora 1 alegou, durante a linha-de-base, precisar dar aula segurando o braço de Cr1, pois se o soltasse, a criança sairia correndo para agredir os colegas da sala de aula, ou deslocava-se para as salas das crianças menores que passavam a sofrer agressões sem justificativa. Em algumas situações da linha-de-base, Cr1 saía da sala e se dirigia ao parque, ficando lá brincando, até que algum adulto fosse procurar por ele. Muitas vezes, o aluno se recusava a voltar para a sala de aula, jogando areia e proferindo palavrões. Nas ocasiões em que Cr1 ficava bastante

agitado ou nervoso, Prf. 1 falou para o mesmo, em mais de uma ocasião: "*Olha chegou Luís Carlos sai, sai.... Luís Carlos...*". Quando a pesquisadora indagou quem era Luís Carlos, a professora explicou que era o "*demônio que estava no corpo da criança.*" Tal verbalização foi feita na frente da criança e de seus demais colegas. Após este acontecimento a pesquisadora conversou demoradamente com a professora sobre o episódio, explicando-lhe outras formas de mostrar seu desapontamento com o comportamento inadequado da criança.

Outro ponto relevante do estudo diz respeito à concepção que as professoras têm sobre crianças agressivas, como no caso da professora A de Cr1 que alegava: "*esse não tem solução, vai ser um delinqüente quando crescer*" ou da afirmação de professora A ao relatar que Cr3 era "*bom mas se não derem um jeito nele, ele vai acabar mal.*"

Adicionalmente, durante a linha-de-base, as professoras presentes na situação principalmente no horário do recreio, costumavam se dirigir a uma segunda criança do sexo masculino, que também apresentava comportamentos agressivos, (mas que não fazia parte do estudo, pois era irmão de Cr2), solicitando-lhe agredir a Cr1, pois alegavam que Cr1 ficaria com medo.

Em relação a tal irmão, apesar de ele não ter participado da intervenção individual com a pesquisadora, M2 relatou que o mesmo apresentou melhora na escola, pois estava realizando as tarefas de casa e concluía a primeira série satisfatoriamente. Hipotetiza-se que a intervenção com M2 possa ter contribuído para tal melhora, embora não se tenha dados mais detalhados sobre o caso.

Um outro episódio marcante durante a linha-de-base foi a ocasião em que Cr1 estava muito agressivo e a professora precisou retirar todas as crianças da sala de

aula, deixando apenas Cr1 com a pesquisadora, numa tentativa de acalmar a criança. A pesquisadora sofreu, na ocasião, inúmeras agressões (físicas e verbais), precisando usar uma técnica restritiva (a qual consistia em segurar a criança pelo braço e ao mesmo tempo em que dava a seguinte instrução "calma fique calma") para não continuar sendo agredida ou para evitar que Cr1 continuasse destruindo os objetos que estavam dentro da sala. (A criança havia quebrado o armário onde eram guardados os materiais da escola antes de a pesquisadora chegar). Após varias tentativas frustradas de sair da sala, Cr1 acalmou-se.

Em uma das sessões de *Follow-up*, tal como relatado por M1, Cr1 passou a freqüentar uma sala de Educação Especial, melhorando significativamente seu comportamento e aprendizagem, o que condiz com a afirmação de sua professora ao relatar: “*se alguém fica junto a ele, ele vai*”.

Desta forma, o fato de Cr1 freqüentar uma sala com um número reduzido de alunos, parece ter facilitado à professora a fornecer maior atenção ao mesmo, o que aparentemente resultou em melhoras significativas.

Embora o trabalho realizado com as crianças tenha sido realizado na EMEI, o fato de as mesmas freqüentarem outro local (creche) durante o período vespertino foi um fator que dificultou o trabalho, pois as professoras da creche não fizeram parte da intervenção, tornando difícil a generalização das contingências.

É preocupante o incidente em que a professora da creche atirou contra a parede um colchão com a criança dormindo, uma vez que, mesmo na hipótese de tal fato ter sido acidental, não foi tomada qualquer atitude pela direção da escola. Por esse motivo, M3 precisou ir conversar com a professora para informar-se sobre o incidente. Cabe mencionar que as três mães participantes da pesquisa relataram à

pesquisadora o incômodo que significava para elas terem que ir até a escola, pois sempre que eram chamadas "*era para receber reclamação*" de suas crianças.

O incidente envolvendo o colchão parece reafirmar a necessidade de preparo por parte das cuidadoras para lidar com crianças com necessidades especiais. Cabe então a pergunta: qual é o perfil e preparo necessário que o professor e/ou cuidador precisa ter para lidar com uma população tão heterogênea?

Craig (1992) assinala que o professor tem a possibilidade de gerar alternativas e encorajar o aluno a desenvolver certas capacidades, no entanto, a realidade do dia-a-dia do professor é totalmente diferente, pois esse precisa lidar com problemas de aprendizagem, com a agressividade, falta de afeto (tal como relatado por Prf. A em relação a Cr3), entre outros problemas. Além disso, muitas vezes os professores tentam solucionar os problemas das crianças, mas na verdade acabavam fortalecendo os comportamentos inadequados das mesmas, o que condiz com a afirmação de Romero (1995), de que os professores reforçam, com maior frequência, os comportamentos inadequados das crianças e, desta maneira, acabam fortalecendo-os.

Para exemplificar esta afirmação pode ser citado o episódio em que Cr2 ficou de castigo na direção por ter agredido um companheiro de sala. Nos momentos em que a criança ficou na sala junto à diretora (e depois também junto à pesquisadora), Cr2 começou a manifestar comportamentos adequados, como por exemplo, pegar objetos que tinham caído no chão e oferecer ajuda à diretora. No entanto, a diretora não respondeu adequadamente às atitudes emitidas pela criança, pelo contrário ela ignorou tais comportamentos lembrando o porquê de ele estar na diretoria. Desta forma ela não só deixou de reforçar o comportamento adequado, como aparentemente o puniu.

Por outro lado, devido a uma possível história de punição existente entre as crianças e suas respectivas professoras era difícil para ambas as partes "acreditarem" em uma mudança de comportamento.

No caso de Cr3, a professora B reforçava desde o início os comportamentos adequados, elogiando a criança quando essa realizava a lição e obedecia à mesma e punia os comportamentos inadequados, colocando Cr3 de castigo quando a criança ofendia algum colega de sala de aula. Tal fato exemplifica que são possíveis mudanças de comportamentos se o ambiente em que a criança estiver inserida for sensível a pequenas alterações ou modificações de comportamento. (Sidman, 1995; Holland, 1978).

É importante mencionar que no início do estudo (durante a linha-de-base) a pesquisadora sofreu agressões (chutes socos, cuspidas e ouviu palavrões) por parte das crianças quando as mesmas ficavam aborrecidas por alguma situação. Tal fato questiona a colocação de Lisboa e Koller (2001), assinalando que as agressões a adultos por parte das crianças não são físicas, e sim por "perturbação do ambiente agitação motora e dispersão".

A pesquisadora provavelmente tornou-se um modelo positivo e um fator de proteção, tanto para as mães quanto para as crianças, sendo tal fato evidenciado quando a pesquisadora mostrou para M2 uma forma de conseguir reduzir na sua conta elétrica, quando ocorreu o pedido de ajuda da carta de M1 e pelos encaminhamentos realizados para a Secretaria de Promoção Social em relação à M3.

Outro aspecto a ser levado em consideração, refere-se ao planejamento que a escola deve ter ao trabalhar com uma população com necessidades especiais. Rezende (2002), aponta que brincadeiras, atividades com materiais de texturas

pastosas, massa, argila e areia ajudam a aliviar a tensão infantil, o que foi confirmado com as crianças que trabalharam com estes materiais no programa. O depoimento de P2a de Cr2 confirma esta afirmação: "*eles ficam encantados, calmos, ao trabalhar com estes materiais é super legal.*"

É preciso que o planejamento curricular das escolas de Ensino Infantil seja revisto, pois as crianças têm qualidades que não estão sendo exploradas, tendo também deficiências que podem estar sendo acentuadas por falta de um planejamento adequado de suas capacidades. Isso pode ser percebido nos resultados do testes normativos, (WISC), no qual as crianças obtiveram alta pontuação na parte de execução e baixa pontuação na parte verbal. Tal como descrito por Boruchovitch (1999), os professores precisam conscientizar-se de que suas metas educacionais não se resumem à transmissão de conhecimentos e que devem portanto, atuar no sentido de promover o desenvolvimento dos processos psicológicos pelos quais o conhecimento é adquirido.

Embora a gestação de Cr2 fosse uma gravidez de risco devido a M2 ter ingerido drogas (cocaína) durante tal período, Cr2 obteve uma classificação media no WISC. Tal resultado não só é encorajador como é indicativo de ausência de possíveis seqüelas graves na criança.

Uma outra característica importante desse trabalho diz respeito à raça das três crianças e de suas respectivas mães. Todas as crianças e as mães do estudo eram da raça negra, coincidentemente a mesma raça da pesquisadora. Esta característica ajudou em muitos aspectos para o bom desenvolvimento da intervenção, tanto para as crianças quanto para as mães, que aparentaram sentir empatia no trabalho com a pesquisadora. Quando eram trabalhados com as mães assuntos relacionados à auto-

estima, elas sentiam-se à vontade para contar suas experiências fazendo comentários sobre, por exemplo, seu cabelo, comentários que seriam improváveis de serem feitos a pessoas de outra raça. Com relação às crianças, a pesquisadora ressaltava a cor como sendo uma forma especial das mesmas, dizendo: "*Nós somos chocolate... Quem não gosta de chocolate?*"

Partindo desses dados é indispensável aprofundar a discussão sobre a questão racial. Tal como apontado pelo censo de 2000, 45% da população brasileira pertence ao segmento racial negro, nos quais estão inseridos pardos e negros. No caso da cidade de São Carlos, 38% da população é da raça negra, incluindo pardos e negros. (IBGE, 2000). É preocupante o fato de todas as crianças agressivas do estudo serem da raça negra. Tal fato torna-se mais urgente uma vez que na pesquisa realizada por Gallo com menores infratores em São Carlos, o autor constatou que 95% dos participantes do estudo eram da raça negra (A. E. Gallo comunicação pessoal, 25 de janeiro de 2004).

A representatividade numérica na população nacional aponta significativas desvantagens dos negros em relação aos brancos no que diz respeito ao mercado de trabalho, ocupação, emprego, renda familiar e nível de instrução, alfabetização e anos de estudo (Soligo & Wescher, 2002). Tal como apontado pela pesquisa "Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos" divulgado pelo Dieese (Departamento Intersindical de estudos Socio-Economicos), 30% das mulheres negras exercem trabalho de mão de obra não qualificados como empregadas domesticas, (Folha São Paulo, 19.11.2003), tal como ocorreu com as participantes do presente trabalho

No estudo realizado por Solingo e Weschsler (2002), sobre as atitudes de professoras brancas de crianças negras, os resultados indicaram que os meninos e as meninas são vistos de maneira diferente pelas suas professoras em relação à cor da pele, parecendo que tal variável determinaria a atribuição de diferentes características aos três segmentos estudados preto, pardo e branco.

Desta forma é imprescindível mostrar a importância de se trabalhar com a população de meninos negros, em decorrência do estereótipo que sofrem pela cor da pele, como duplo fator de risco. Uma atitude preconceituosa pode deixar marcas indissolúveis nas crianças, tornando-as vítimas de uma profecia auto-realizadora (Brancahorne, 2003).

O presente trabalho ilustra a importância da criação de programas de intervenção precoce com para a criança pré-escolar que apresenta comportamentos agressivos. Assim como aponta a literatura, é fundamental reiterar que quanto mais precoce for a intervenção, melhores os resultados, uma vez que há a possibilidade de se minimizar os problemas, diminuindo os impactos negativos e o custo da intervenção (Silva, 2000; Webster-Stratton, 1997; Hood, 2001). É necessário enfatizar que o período de aquisição de competências novas concentra-se na fase pré-escolar e, é nesta fase, também, que os pais podem aprimorar as habilidades parentais exigidas (Silva, 2000; Webster-Stratton, 1997).

Os resultados deste estudo mostraram que as crianças que apresentam comportamentos agressivos podem alterar expressivamente seus comportamentos inadequados. Ao receberem uma intervenção sistemática. No entanto, são precisos inúmeros e constantes esforços por parte das autoridades para que sejam supridas as

necessidades existentes nas comunidades carentes, como das famílias que fizeram parte do estudo.

É fundamental ter programas que dêem o suporte necessário, fornecendo aos pais orientações de como lidar com as dificuldades de seus filhos. Do mesmo modo, urge dar aos professores de Educação Infantil preparação continuada e investir em uma política de formação articulada entre a carreira docente e os conhecimentos científicos existentes nesta área conforme defende Zibetti, (2000). Dessa forma crianças que apresentam necessidades especiais (comportamentos agressivos) não prejudiquem irreparavelmente seu desenvolvimento.

Referências

- Abell, M.(2001). Preventing Youth Violence: A pilot study of a multi-component of early intervention. *Dissertation abstract international section*: [on line] A Humanities and Social Sciences 61, 45-47.
- American Psychological Society (1997). *Reducing violence: A research agenda*. (APS Observer Report 5). Washington, DC: Autor.
- American Psychiatric Association (1995). *Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)* (Tradução Batista Dayse.) Porto Alegre: Artes Medicas. (Trabalho original publicado em 1994).
- Baraldi, D.M.; Silvares.E.F.M.(2003). Treino de habilidades sociais em grupo com crianças agressivas, associado à orientação dos pais: Análise empírica de uma proposta de atendimento. Em Del Prette,A.P.Z. & Del Prette,A. (Orgs) *Habilidades sociais desenvolvimento e aprendizagem: Questões conceituais, avaliação e intervenção* (235-258) São Paulo. Alinea
- Barnett, D. (1997). The effects of early intervention on maltreating parents and their children. In M. J.Guralnik (Ed.). *The effectiveness of early intervention*. (pp.147-167). Baltimore: Paul H.Brookes Publishing Co.

- Bolsioni- Silva, A. T.; & Marturano E.M.(2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. [On-line] *Estudos de Psicologia*, 7, 227-235.
- Boruchovitch, E. (1999). Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional.[On-line] *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 2, 361-376.
- Brancahona, G.P. (2003). Características do desempenho acadêmico de crianças expostas à violência conjugal. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal de São Carlos.
- Brioso, A & Sarria, E. (1995). Distúrbios de comportamento. Em C. Coll, J. Palácios & A.Marchesi (Org.), *Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp. 157-168.) Porto Alegre: Artes Medicas.
- Coes, M.C.R. (1999). Distúrbio de déficit de atenção e hiperatividade em crianças e adolescentes. Em F.P.S. Nunes & A. C.B. Cunha, (Org). *Dos problemas disciplinares aos distúrbios de conduta: Práticas e reflexões* (pp. 54-69). Rio de Janeiro: Duruyá.
- Craig, S.E. (1992). The educational needs of children living with violence. *Phi Delta Kappan*, 74, 67-71.

Del Prette, A.P.Z. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petropolis: Vozes.

Dunn, L. M., & Dunn, L. M. (1981). *Peabody Picture Vocabulary Test - Revised*. Minnesota: American Guidance Service.

Einstein E., & Souza P.R.(Org.) (1993). *Situação de risco à saúde de crianças e adolescentes*. Petrópolis: Vozes.

Faulker, K. (2001). *A girafa que cocoricava: Um livro de dobraduras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Fiamengui Jr., G.A.; Bressan, C.G. & Porto, J.C. (2003). O desenvolvimento da agressão entre crianças de pré-escola: Subsídios para uma análise das relações sociais. *Temas sobre Desenvolvimento*, 12, 26-32.

Gerald, A., Realmuto, G.M., Hekner, J. M. & Bloomquist, M.L. (2001). An integrate components preventive intervention for aggressive elementary school children: The Early Risers program. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 69, 614-626.

Goldstein, S., & Goldstein, M. (1992). *Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção na criança*. Campinas: Papyrus.

- Gomboli, M. (2001). *Os conselhos do Lobinho: Boa Educação*. São Paulo: Paulus.
- Guralnik, M.J. (1997). *The effectiveness of early Intervention*. Bartimore: Paul Brookes Publishing.
- Guralnik, M.J. (1998). The effectiveness of early intervention for vulnerable children: A development perspective. *Americam Journal on Mental Retardation*, 102, 319-345.
- Hall, R.V. (1974). *Manipulação de comportamento*. São Paulo: EDUSP.
- Holland, J.G. (1978). Behaviorismo parte do problema ou parte da solução? *Journal of appliaed Behaviors Analysis* 11, 163-174.
- Hood, C.L. (2001). Antisocial behavior in youth: Influence and recommendations.[on line] *Humanities and Social Science*, 61, 45-49.
- IBGE (2000). Censo 2000. Retirado em janeiro de 2004 de [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- Johnson, J.L. (2001). Preventing conduct problems and increasing social competence in high-risk preschoolers.[On line] *The-Sciences and Engineering*, 62:1085-1095.

Kaplan, H. I. Sadok, B. J. & Grebb, J.A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clinica*. Porto Alegre: Artes Medicas.

Koren, P.E., De Chillo, N. & Friesen, B.J. (1992). Measuring empowerment in families whose children have emotional disabilities: A brief questionnaire. *Rehabilitation Psychology* 305-321.

Lippi, M.N. (1998). *Relaxamento para todos: Controle seu stress*. São Paulo: Papirus.

Lisboa, C. S.M. & Koller, S. H. (2001). Construção e validação de conteúdo de uma escala de percepção por professores dos comportamentos agressivos de crianças na escola. *Psicologia em Estudo*, 6, 59-69.

Marinho, M.L. (1999). Comportamento infantil anti-social: Programa de intervenção junto à família. Em R. Kerbauy & R. Wielecka (Orgs.): *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva da reflexão teórica a diversidade na aplicação*. (pp. 207-215). São Paulo: ESETC.

McGinnis, E. & Goldestein A. P. (1990). *Skill streaming in early childhood: Teaching prosocial skill to the preschool and the kindergarden child*. Illinois: Research Press.

- Maldonado, D.P.A. (2003). O comportamento agressivo na escola de criança de sexo masculino e sua relação com a violência doméstica. *Dissertação de mestrado*, Universidade Federal de São Carlos.
- Marturano, E. M., Linhares, M.B.M. & Parreira, V.L.C. (1993). Problemas emocionais e comportamentais associados a dificuldades na aprendizagem escolar. *Medicina Ribeirão Preto*, 26,161-175.
- Meneghel, S.N. (1998). Relação entre violência doméstica e agressividade na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, 14, 327-335.
- ONU/UNDP. (1997) Human development report 1997; Human development eradicate poverty [On-line] United Nations Developments Program. Web site.
- Papalia, D.E. & Olds, S.W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Parish, P. (1991). *Boas Maneiras* São Paulo: Melhoramentos.
- Parke R. D., & Sawin, B.D. (1977). *Agressão: Causas e controles*. Tradução de Márcia Epstein. São Paulo: Brasiliense.
- Rezende, O. F (2002). Agressividade.[On-line]www.psicologiapaz.com.br/trabalhos/agressividade.

Romero, J.F.(1995). As relações sociais das crianças com dificuldades de aprendizagem escolar. Em C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar* (pp.71-82). Porto Alegre: Artes Medicas.

Rolli, C. (2003, Novembro,19) Mulher negra tem pior situação no mercado de trabalho. Folha de São Paulo, Caderno Região.

Santos, G.E. (2001). Intervenção com famílias portadoras de necessidades especiais: O caso de pais agressores. *Dissertação de Mestrado*: Universidade Federal de São Carlos.

Santos, L. C. & Marturano, E. (1999). Crianças com dificuldade de aprendizagem: Um estudo de seguimento [On line] *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12, 377-394.

Savaget,M. (1993). *Não Gosto não quero*. São Paulo: Melhoramentos.

Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações*.(Maria Amália Andrey & Teresa Maria Sérgio tradução). Campinas São Paulo: Psy.(original publicado em 1989).

Silva, A.T.B. (2000). Problemas de comportamento e comportamento socialmente adequados: Sua relação com as habilidades sociais. *Dissertação de Mestrado*: Universidade Federal de São Carlos.

Singh, N. N.; Curtis, W. J.; Ellis, C. R. Nicholson, M. W.; Villani, T.M. & Wechesler H.A. (1995). Psychometric analysis of the family empowerment scale. *Journal of Emotional and Behavior Disorders*, 3, 85-91.

Silvares, E. F. M. (2001). Ludoterapia cognitivo comportamental com crianças agressiva. Em H. Guilhardi, P. Paizon, & C. Schot (Orgs.): *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*.(pp.189-199). São Paulo: ESETC.

Solingo, A. F.& Weschsler S.M. (2002) Crianças negras e professoras brancas: Um estudo de atitudes. *Escritos sobre Educação* , Instituto Superior de Educação Anisio Teixeira, 1, 17-30.

Souza, M.A.; Soldatelli, M.I.; & Lopes, A.R.C. (1997). Psicodinamismo familiar de crianças agressivas. In: Anais do I Encontro Sobre Psicologia Clínica, 61-64 São Paulo, Universidade Mackenzie.

Train, A. (1997). *Ajudando a criança agressiva: Como lidar com crianças difíceis*. Tradução Lúcia Reily Campinas, SP: Papyrus.

Walker, H. (2001) about first Step. [On line] www.uregon.com

Wasik, B.H. & Bryant, D.M. (2001). *Visiting families in stressful situation*. In (autor) *Home Visiting* (169-200). London: Sage Publications.

Weschler (1949) Weschler intelligence Scale for Children traduzido por A. M. Popovick (1962).

Webster-Stratton, C. (1997). Early intervention for families of preschool children with conduct problems. Em M. J. Guralnick (Org.); *The effectiveness of early intervention* (429-453). Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co.

Williams, L C.A., & Aiello, A L. R.(2001) *O Inventario Portage Operacionalizado: Intervenção com famílias*. São Paulo: Memnon/ FAPESP.

Williams, L .A. & Aiello, A.L. (2003). Empoderamento de famílias: o que vem a ser e como medir. I Congresso Brasileiro de Educação especial. 25-29 Universidade Federal de São Carlos.

Wright, C.A. ;George,T.P.; Burke, R.; Gelfand, D.M. & Teti, D.M. (2000). Early maternal depression and children's adjustment to school. *Child Study Journal*, 30, 153-168.

Zagury, T. (2000).*Limites sem trauma: Construindo cidadãos*. Rio de Janeiro: Record.

Zibetti, T.L.M.(2000). Analisando uma experiência de formação na educação infantil. *Defesa de doutorado*: Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Anexo 1



São Carlos, 13 de julho de 2002

À Secretaria de Educação :

Meu nome é Gabriela Reyes Ormeño, sou Psicóloga, cursando o Programa de Pós Graduação de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

Gostaria de avaliar a possibilidade de conduzir o meu projeto de pesquisa em uma ou mais EMEIs de São Carlos. O projeto intitulado *Prevenção Precoce com Crianças Agressivas: Suporte à Família e à Escola* tem como objetivo avaliar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas dirigido a pais e professores de forma a reduzir o nível de agressividades das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados

A participação da família, criança e respectivo professor é voluntária, podendo haver desligamento de qualquer parte, a qualquer momento.

Os dados coletados serão mantidos em sigilo, não podendo ser divulgados de forma a identificar os participantes. O projeto esta sendo orientado pela Prof^a. Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams e uma cópia do mesmo encontra-se em anexo.

Desde já agradeço sua compressão e aguardo uma resposta. Quaisquer esclarecimentos adicionais poderão ser obtidos pelos telefones (016)3306-8516 e 9112-6280.

Atenciosamente,

Gabriela Reyes Ormeno
Psicóloga
Mestranda
UFSCar

Dra. Lúcia C.A. Williams
Professor Adjunto
UFSCar

Anexo 2

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em educação Especial

Autorização da Escola

Prezado Diretor (a) e/ou professor da escola _____

Eu Gabriela Reyes Ormeño, aluna do programa de pós-graduação em educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, orientanda da Profa. Dra. Lúcia C. Albuquerque Williams, peço a gentileza de sua colaboração para a realização de minha pesquisa de Mestrado com as crianças de 4 a 6 anos desta escola municipal.

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas pré-escolares dirigido a pais e professores de forma a reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados.

Venho por meio desta solicitar o consentimento para realizar minha pesquisa. A sua colaboração é totalmente voluntária.

Coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento pelo telefone: 3306-8516

Desde já agradeço sua compreensão e colaboração.

Gabriela Reyes Ormeño

Nome

Assinatura

Data: __/__/__

UFSCar- Programa de Educação Especial
Rod. Washington Luiz, Km235
CEP: 13565-905 Caixa posta: 676
Fone: (16) 260-8357

Anexo 3

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-Graduação em Educação Especial
Laboratório de análise e prevenção da violência (LAPREV)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____, autorizo a minha participação no projeto de pesquisa intitulado “*Intervenção precoce com crianças agressivas: suporte a família e à escola.*” Este projeto é executado pela psicóloga e aluna do programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, Gabriela Reyes Ormeño, orientanda da Profa. Dra. Lúcia C. Albuquerque Williams. A presente pesquisa tem por objetivo avaliar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas pré-escolares dirigido a pais e professores, de forma a reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados. A minha participação constará de entrevistas individuais, as quais serão realizadas em minha casa e reuniões semanais com a pesquisadora. Todos os dados coletados terão absoluta confidencialidade, não podendo ser divulgados de forma a me identificar ou me prejudicar de qualquer maneira. Maiores informações no LAPREV 260-8111r.8745 ou pelo telefone 3306-8516. O trabalho terá aproximadamente seis meses de duração.

Nome da mãe ou responsável

Assinatura

Data: __/__/__

UFSCar- Programa de Educação Especial
Rod. Washington Luiz, Km235
CEP: 13565-905 Caixa posta: 676
Fone: (16) 260-8357

Gabriela Reyes Ormeno
Psicóloga CRP 06-68141

Anexo 4

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-Graduação em Educação Especial

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ autorizo a participação de meu filho _____ no projeto de pesquisa intitulado “*Intervenção precoce com crianças agressivas: suporte a família e à escola.*” Este projeto é executado pela psicóloga aluna do programa de pós-graduação em educação especial, Gabriela Reyes Ormeño, orientanda da Profa. Dra. Lúcia C. Albuquerque Williams. A presente pesquisa tem por objetivo avaliar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas pré-escolares dirigido a pais e professores de forma a reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados. A participação constará de entrevistas individuais, as quais serão realizadas na escola. O material coletado terá absoluta confidencialidade, não podendo ser divulgado de forma a identificar meu filho ou de prejudicá-lo de qualquer maneira. Maiores informações poderão ser obtidas no LAPREV 260-8111 r.8745 ou pelo telefone 3306-8516 A participação do meu filho é voluntária e ele pode se desligar se estiver interessado, sem sofrer represálias.

Nome da mãe o responsável

Assinatura

Data: __/__/__

UFSCar- Programa de Educação Especial
Rod. Washington Luiz, Km235
CEP: 13565-905 Caixa posta: 676
Fone: (16) 260-8357

Gabriela Reyes Ormeno
Psicóloga CRP 06-68141

Anexo 5

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em educação Especial

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado professor da escola _____

Eu Gabriela Reyes Ormeño, aluna do programa de pós-graduação em educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, orientanda da Profa. Dra. Lúcia C. Albuquerque Williams, peço a gentileza de sua colaboração para a realização de minha pesquisa de Mestrado com as crianças de 4 a 6 anos desta escola municipal.

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar um programa de intervenção precoce com crianças agressivas pré-escolares dirigido a pais e professores de forma a reduzir o nível de agressividade das crianças, assim como incrementar seus comportamentos socialmente adaptados.

Venho por meio desta solicitar o consentimento para realizar minha pesquisa. A sua colaboração é totalmente voluntária.

Coloco-me a disposição para qualquer esclarecimento pelo telefone: 3306-8516

Desde já agradeço sua compreensão e colaboração.

Gabriela Reyes Ormeño

Nome

Assinatura

Data: __/__/__

UFSCar- Programa de Educação Especial
Rod. Washington Luiz, Km235
CEP: 13565-905 Caixa posta: 676
Fone: (16) 260-8357

Anexo 6



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PRÓ - REITORIA DE PÓS - GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENADORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar, registrado no CONEP/Conselho Nacional de Saúde, pelo ato de 18 de março de 1997, DELIBEROU aprovação o projeto com protocolo nº 080/2002 e título: "**INTERVENÇÃO PRECOCE COM CRIANÇAS AGRESSIVAS: SUPORTE À FAMÍLIA E À ESCOLA**" sob a responsabilidade de Gabriela Reys Ormeño com orientação do Profa. Dra. Lucia C. A. Williams.

São Carlos, 06 de novembro de 2002.

Prof. Dr. Jorge Oishi
Presidente da Comissão de Ética

Anexo 7

Anexo 8

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós- Graduação em Educação Especial
Laboratório de Análise e Prevenção à Violência

Entrevista Inicial com a Crianças*

Nome:

Idade:

Data: ____/____/____

Como é o nome de sua mãe?

Como é o nome de seu pai?

Você tem irmãos?

Do que você gosta de brincar?

Qual é seu desenho favorito?

Você tem muitos amigos?

Quem é seu melhor amigo?

Você gosta da Escola? O que você gosta de fazer ?

Que deixa você bravo?

Que coisas te deixam magoado? _____

O que te deixa triste? _____

O que te deixa feliz? _____

Com quem você conversa quando esta chateado? _____

O que faz seu pai quando fica bravo? _____

Grita () corre para longe () bate a porta () atira coisas () bate () da pontapés ()
empurrões () murros ()

E seu Mãe? O que você faz? _____

E seus irmãos? _____

Você acha que tem algum probleminha na sua escola? _____

O que gostaria ser quando crescer? _____

Qual foi o dia mais feliz e que aconteceu? _____

Qual foi o dia mais triste e que aconteceu? _____

Se pudesse ter três desejos quais seriam? _____

Anexo 9

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós- Graduação em Educação Especial
Laboratório de Análise e Prevenção à Violência

Entrevista de avaliação com as Crianças

Nome:

Data:

O que você achou de nosso trabalho?

O trabalho ajudou você em alguma coisa? _____

Se sim, em que? _____

Se não em que podia ser ajudado? _____

Do que você gostou mais?

Do que você gostou menos?

O que poderia ser diferente?

Você acha que tem algum probleminha na escola? Sim () Não ()

Se sim o que? _____

Tem alguma coisa que você gostaria de fazer que não foi feito? _____

Anexo 10

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em educação Especial

Entrevista com as mães

Nome da criança:
Data de nascimento:
Sexo:
Endereço:
Telefone:
Cor:

Pai da criança

Nome:
Data de nascimento:
Natural de:
Nível de instrução:
Profissão:
Horário de trabalho: fixo() variável ()
Salário :
Estado civil:
Religião

Mãe da criança

Nome:
Idade:
Data de nascimento:
Natural de:
Nível de instrução:
Profissão:
Salário :
Horário de trabalho:
Estado civil:
Religião
Há quanto tempo mora nesta cidade:

Caracterização da família

Filhos:	nome:	idade:
	Nome:	idade:
	Nome:	idade:
	Nome:	idade:

Pessoas que vivem na mesma casa:

Pessoas que trabalham:

Pessoas que estudam:

Renda familiar:

Quem trabalha:

O que faz:

Quem contribui na renda familiar:

A sua casa é própria:

Quantos cômodos tem a casa:

Utilidades domésticas:

Fogão a gás	liquidificador	TV	vídeo
Ferro elétrico	geladeira	chuveiro	rádio
Aparelho de som	enceradeira	automóvel	freezer

Alimentação:

Media mensal com alimentação :

Alimento mais consumido:

Saúde:

Gravidez foi planejada? Houve acompanhamento pré-natal?

Breve descrição do parto? (local, complicações, nasceu normal, amamentou etc.) _____

A criança já esteve internada por algum motivo de saúde?

A criança tem algum problema de saúde crônico?

A criança recebe algum medicamento? Para que?

Seu filho já sofreu algum acidente?

Hábitos sociais:

Quantas horas trabalham fora do lar: Pai _____ mãe _____ filhos _____

O que a família costuma fazer em dias de folga?

Há oportunidades em relação a descanso, diversão, tempo para você ou tempo para você e seu marido juntos?

Vocês pertencem a algum grupo em especial?

Quais são os pontos fortes da criança?

Quais são os pontos fracos ou negativos?

Como a família encara o comportamento da criança?

Como você descreveria os aspectos positivos de sua família?

Se você tivesse que listar três principais necessidades para a sua família atualmente, quais seriam elas?

Historia de violência

Você se considera uma pessoa violenta?

Qual foi a ultima vez que se comportou de forma violento com seu filho? O que fez?

O que deixa você nervoso?

O que faz para se controlar quando fica nervoso?

O que você faz depois de agredir seu filho?

O que seu filho faz?

Relacionamento com o cônjuge

Como descreveria o relacionamento com seu esposo?

Quais são os aspectos positivos do relacionamento com seu esposo de uma maneira geral e na educação de seus filhos?

Há ou houve pessoas com comportamentos agressivos na família?

Quais são os aspectos negativos do relacionamento com seu esposo de uma maneira geral e na educação de seus filhos?

Relacionamento com os filhos

Como descreveria seu relacionamento com seus filhos?

O que deve ser papel de pai e mãe?

O que deve ser papel da criança?

É apegado as crianças?

Preocupa-se com o bem estar delas? Sim () Não () se sim quais?

Se sim como demonstra tal preocupação?

Acha que seus filhos tem necessidades diferentes as suas? Sim () Não ()
Se sim quais?

Que atividades faz junto das crianças?

Nos dias de semana?

Nos finais de semana?

Quem disciplina as criança em casa?

Como você mantém a disciplina com o seus filhos?

Estado emocional da mãe

Como se esta sentindo no momento?

Indique se as situações abaixo lhe dizem respeito:

Depressão:	sim	não
Ansiedade:	sim	não
Raiva excessiva:	sim	não
Pensamentos suicidas:	sim	não
Problemas psiquiátricos:	sim	não
Uso de bebidas:	sim	não

Se sim, frequência: _____

Uso de drogas?

Se sim quais _____

Quando foi a última vez que esteve no médico? _____

Auto-imagem

O que você pensa a seu respeito:

Como você se descreve:

Infância e família de origem :

Como descreveria sua infância ?

Como era o relacionamento com :

Pai

Mãe:

Irmãos: indicar quantos :

Que forma de disciplina era usada?

Como sua família demonstrava afeto?

Houve algum tipo de abuso na sua família? Sim () Não () se sim quem foi a vítima? E o agressor ?

Seu pai agredia sua mãe? sim () não () com que frequência?

Você foi vítima de abuso sexual? Sim () Não ()

Você já abusou sexualmente de alguém sim () não ()

Com que idade saiu de casa?

Onde foi morar?

Que expectativas tinha quanto ao casamento ?

Que planos fez para o futuro?

Tem religião sim () não () qual?

Com que frequência vai a igreja/ culto?

Que outras coisas importantes marcaram sua vida?

A pior coisa que fez na vida?

Tem amigos? Com que frequência os vê?

Vê regularmente os parentes ?

Em caso de necessidade a quem você recorreria?

Diga as pessoa mais importantes de sua vida?

Anexo 11

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em Educação Especial

Entrevista Final com as Mães

Nome:

Data:

Qual foi o motivo que o levou a participar deste projeto?

Que problemas você apresentava no início do projeto?

Em que medida esses problemas foram superados?

O projeto a ajudou a lidar com suas dificuldades?

O trabalho realizado lhe ajudou a enfrentar com mais eficiência seus problemas?

Numa escala de 0 a 10, sendo 0 o pior de atendimento e 10 o melhor possível, que nota você daria para o atendimento recebido?

Como classificaria o projeto?

Excelente () Bom () Regular () Ruim ()

Sugestões para aprimorar o projeto:

Anexo 12

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em Educação Especial

Escala de Empoderamento da Família *

1 DISCORDO PLENAMENTE

4. CONCORDO

2 DISCORDO

5. CONCORDO PLENAMENTE

3 NÃO SEI

<u>Itens da escala FES</u>	1	2	3	4	5
1. Eu sinto que tenho direito de aprovar todos os serviços que meu filho recebe.					
2. Quando meu filho tem problemas eu lido razoavelmente bem com eles.					
3. Sinto que posso contribuir para melhorar os serviços para crianças no meu bairro					
4. Sei que medidas tomar quando fico preocupada pelo fato de meu filho receber um atendimento inadequado.					
5. Eu me certifico que os profissionais compreendem minha opinião sobre quais serviços meu filho necessita.					
6. Sei o que fazer quando surgem problemas com meu filho .					
7. Entro em contato com políticos quando leis importantes ou assuntos sobre crianças aguardam solução.					
8. Sinto que minha vida familiar está sob controle.					
9. Compreendo como funciona e esta organizado o sistema de serviços para crianças.					
10. Sou capaz de tomar boas decisões sobre qual o tipo de serviço meu filho necessita.					
11. Sou capaz de trabalhar com agências e com profissionais para decidir quais serviços meu filho necessita.					
12. Mantenho contato regular com profissionais que oferecem serviços para meu filho.					
13. Tenho idéias e sugestões sobre o sistema ideal de serviços para as crianças.					
14. Ajudo a outras famílias a obterem serviços que necessitam.					
15. Sou capaz de obter informações que ajudam a compreender meu filho.					

16. Acredito que eu posso (assim como outros pais) influenciar os serviços para crianças.					
17. Minha opinião é tão importante quanto a opinião dos profissionais ao decidir Quais serviços meu filho necessita.					
18. Digo o que eu penso aos profissionais sobre os serviços oferecidos ao meu filho.					
19. Digo para as pessoas das instituições e da prefeitura como podem melhorar os serviços para crianças.					
20. Acredito que posso resolver os problemas com meu filho quando eles acontecem.					
21. Sei como fazer com que políticos ou administradores me ouçam.					
22. Sei quais serviços meu filho precisa.					
23. Sei quais os direitos dos pais e das crianças nas leis que regulamentam a educação especial .					
24. Sinto que meu conhecimento e experiência de pai/mãe pode ser usado para melhorar os serviços para as outras pessoas.					
25. Quando preciso de ajuda para resolver os problemas em minha família sou capaz de pedi-la a outras pessoas.					
26. Eu me esforço para aprender novas formas de ajudar meu filho a crescer e se desenvolver.					
27. Quando necessário, tomo a iniciativa de procurar serviços para meu filho e para minha família.					
28. Quando lido com meu filho, eu focalizo tanto nas coisas boas quanto nos problemas.					
29. Tenho uma boa compreensão a respeito do sistema do serviço que meu filho recebe.					
30. Quando me deparo com um problema envolvendo meu filho, eu decido o que fazer e parto para ação.					
31. Os profissionais deveriam me perguntar que serviços eu quero para meu filho.					
33. Eu conheço bem o diagnostico de meu filho.					
34. Sinto que eu sou um bom pai/ mãe					

*Autor: Koren, P.E., De Chillo,N.& Friesen, B.J.(1992). Measuring empowerment in families whose children have emotional disabilities: A brief questionnaire. Rehabilitation Psychology (305-321). New York: American Psychological Association. Tradução realizada por Ana Lúcia Rossito Aiello e Lúcia C. A. Williams

Anexo 13

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em educação Especial

Roteiro de Entrevista inicial com Professores*

Data :

Professor:

Há quanto tempo leciona:

Há quanto tempo trabalha nesta escola:

Nome do aluno:

Aspecto acadêmico e familiar do aluno:

Seu aluno teve algum problema na escola ou de aprendizagem? sim
não

Quando começaram esses problemas?

Como é o desempenho de seu aluno?

Qual é a sua maior preocupação com seu aluno?

Descreva os aspectos que você acha positivo e negativo sobre seu aluno?

Você já observou em seu aluno marcas na pele (hematomas, queimaduras arranhões) se sim, o que fez?

A família participa de reuniões na escola?

Lista de afirmações que descrevem melhor o seu aluno. Assinalar abaixo do número:

0 não verdadeiro

1 algumas vezes verdadeiro

2 muito verdadeiro

0 1 2 - Age de maneira muito infantil para sua idade

0 1 2 - Discute muito

0 1 2 - Possui dificuldade em concentra-se, não fica atento muito tempo

0 1 2 - Possui dificuldade em tirar certas idéias da cabeça . Obsessões. Descreva-os

0 1 2 - Possui dificuldades em ficar sentado, sossegado (inquieto, hiperativo)

0 1 2 - É dependente, agarra-se aos adultos

0 1 2 - Fica confuso ou parece não saber onde está

0 1 2 - Chora muito

0 1 2 - Manifesta crueldade para com os outros

0 1 2 - Magoa-se com facilidade

0 1 2 - É desobediente na escola

0 1 2 - Tem dificuldade de relacionamento com outras crianças

0 1 2 - Tem medo de ir a escola

0 1 2 - Acha que deve ser perfeito

0 1 2 - Sente ou queixa-se de que ninguém gosta dele

0 1 2 - Mete-se em brigas

0 1 2 - É freqüentemente ridicularizado

0 1 2 - É impulsivo

0 1 2 - Gosta de estar sozinho em atividades que lhe exijam estar em grupo

0 1 2 - É nervoso

0 1 2 - Tem movimentos nervosos/ tiques . Descreva-os

0 1 2 - É desastrado ou tem falta de coordenação motora

0 1 2 - Recusa-se a falar

- 0 1 2 – Mostra pouco à vontade e embaraçado quando tem que escrever na lousa
- 0 1 2 – Exibe-se ou faz palhaçada em sala de aula

0 1 2-Tem problemas de linguagem ou dificuldade de articulação. Descreva –os:

-
- 0 1 2 – É teimoso, mal humorado ou irritável
 - 0 1 2 – Tem mudanças súbitas de humor ou sentimentos
 - 0 1 2 - Se aborrece com facilidade quando corrigido pela professora
 - 0 1 2- É bagunceiro
 - 0 1 2 –Falta freqüentemente na escola
 - 0 1 2- Chega atrasado na escola
 - 0 1 2 –Faz brincadeiras sexuais.

Mencione quaisquer situações sobre seu aluno que o preocupam:

*Santos, G.E. (2001). Intervenção com famílias portadoras de necessidades especiais: O caso de pais agressores. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.

Anexo 14

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa Pós-graduação em Educação Especial

Entrevista de avaliação do projeto pelo professor

Nome:

Data:

Que problemas seu aluno apresentava no início do atendimento?

Que aspectos destes foram sanados?

Que aspectos continuam?

Quais se intensificaram?

Como classificaria o projeto?

Excelente () Bom () Regular () Ruim ()

Porque ?

Sugestões para melhorar o atendimento?

Anexo 15

hoje eu estou muito triste porque meu filho menor. Dáhl eu estou muito entediada aconteceu e está acontecendo muitas coisas na minha vida.

Eu achei que quando eu viesse morar nessa casa não eu seria feliz, mas não é isso que aconteceu de quando entrei a minha vida do e discutir com o meu marido quando eu não sei se eu quero continuar este casamento eu tenho vontade de largar tudo e sumir mas aí eu penso eu lutei e luto tanto pra fazer esta casa não seria justo largar tudo de mão beijada.

As vezes fico me perguntando se eu ainda amo meu marido as vezes penso que não mas quando ele não está tenho dúvidas aí quando ele chega fico irritada não sei o que esta acontecendo acho que nesse casamento está desgastado tanto eu como ele do se ofende não podemos conversar que já viva em discussões isso tudo na presença dos meus filhos.

Eu não aguento mais hoje então foi a gota d'água fiquei tão nervosa que pati tanto no ~~isso~~ peguei a faca se não fosse a ~~acordar~~ não sei o que teria acontecido já faz 5 horas que isso aconteceu mas ainda estou nervosa estou tremula eu preciso de umas férias de tudo marido filhos impago. Mas não tenho para onde ir nem condições financeiras mas tenho que fazer alguma coisa

De não fazer alguma besteira
as vezes quando estou irritada fico pensando
em matar todo ai depois eu me sinto
assim acaba tudo de uma vez. Ai
eu penso não tenho esse direito de tirar
a vida de ninguém nem a minha
pá tenti fazer isso uma vez não
deu certo porque tomei o veneno com
leite. Eu não feliz com meu corpo meu
cabelo com tudo. Dá quando você tem
medo de olhar no espelho ai que eu
ento em alvôres porque como que ele
pode me amar como ele disse que me amo
que sou tudo pra ele se não não
tem mulheres bonitas principalmente
petas que ele gosta. falei pra ele se
tivesse dinheiro ia fazer uma plastica
na berriga. Dá e ele disse? pra que
pra todo mundo ficar olhando se fosse
só pra mim então por causa disso
não posso me arrumar.
Dá o que balançou mais meu casamento
foi essa mania que ele tem de me estupra
quando ele faz isso penso que não se repete
ele jura que nunca mais vai fazer, mas
toma a fazer então isso foi acabando com
a vontade de fazer sexo com o prozo porque
eu sei que é só eu dormi ele volta
nova mente.

Com resumindo meu casamento
minha vida está um merda:

Ass.

por favor me ajude